



Ecologia: Solidariedade com o cosmos

Luiz J. Dietrich (Org.)

Carlos Mesters
Claúdio Langone
Clever R. Neuenfeldt
Hélio S. Pacheco
Marcelo Barros
Wanda Deifelt



PNV 189

Ecologia: solidariedade com o cosmos

Luiz J. Dietrich (Org.)



2003

© Centro de Estudos Bíblicos

Rua João Batista de Freitas, 558 B.
Scharlau – Caixa Postal 1051
93121-970 São Leopoldo/RS Fone:
(51) 3568-2560
Fax: (51) 3568-1113
E-mail: vendas@cebi.org.br
www.cebi.org.org

Série: A Palavra na Vida – Nº 189

Ano: 2003

Organizador: Luiz. J. Dietrich

Colaboração: Wanda Deifelt, Carlos Mesters, Marcelo Barros, Cláudio
Langone, Hélio Schaidhauer Pacheco e Clever Renato Neuenfeldt

Reimpressão: 2012

ISBN: 85-89000-25-7

Sumário

Apresentação: <i>Luiz J. Dietrich</i>	5
Contribuições da Teologia Ecofeminista para uma leitura ecológica da Bíblia: <i>Wanda Deifelt</i>	14
O que a Bíblia tem a ver com a Ecologia, e o que a Ecologia tem a ver com a Bíblia: <i>Carlos Mesters</i>	28
Em busca de uma espiritualidade ecumênica e ecológica: <i>Marcelo Barros</i>	32
Meio ambiente e desenvolvimento sustentável: <i>Cláudio Langone</i> .	35
Por uma ação ecológica em nossas comunidades: <i>Hélio Schaidhauer Pacheco e Clever Renato Neuenfeldt</i>	46

Apresentação

A ecologia é o grande desafio dos tempos atuais. Para o CEBI é um novo desafio. Ou melhor é a ampliação de um antigo desafio.

No início, buscávamos descobrir o grito de Deus nos gritos dos pobres, dos oprimidos. Mas, conforme abraçamos esta luta, fomos percebendo que os pobres e os oprimidos têm muitos rostos. E da defesa dos pobres e oprimidos passou-se à defesa dos índios, dos negros. Num mundo extremamente desigual, nem mesmo a pobreza e a opressão são iguais para todos. Também o empobrecimento vivido por um homem é diferente do empobrecimento e da opressão vividos por uma mulher. Assim, da Teologia da Libertação, que tinha os pobres e os oprimidos como seus sujeitos e seus beneficiados, passou-se à Teologia Índia, à Teologia Negra e estamos recentemente integrando a Teologia Feminista.

Isto quer dizer que esquecemos os pobres e os oprimidos? Não. Este caminhar indica que não estamos lidando teoricamente com sujeitos abstratos. Antes, ao contrário: queremos lidar com as pessoas de carne e osso, etnia, sexo, idade e condição física. Queremos ter uma metodologia que nos ajude a trabalhar com as pessoas concretas, com as quais convivemos, as que habitam as nossas comunidades, pessoas que partilham do nosso cotidiano. E cada uma delas também é um mundo próprio, cada uma delas carrega a sua própria complexidade. O mundo das crianças, dos jovens, dos anciãos, dos doentes e portadores de deficiências performam marcas, facetas, qualidades que atravessam todas as outras caracterizações anteriores. No entanto, o sentimento que nos une a todas estas pessoas é o mesmo. Seu nome é solidariedade.

Este é o mais difícil e o mais necessário dos sentimentos. A solidariedade é, no entanto, um sentimento que precisa ser cultivado. Não deve restringir-se aos momentos de catástrofe, ou à solidariedade animal, às relações materno-paterno-filiais comuns a determinadas fases da vida dos mamíferos e de quase todas as espécies animais. Nem tampouco deve limitar-se às relações de cooperação e colaboração no trabalho. Muitos animais instintivamente agem assim para garantirem sua alimentação e sobrevivência. A solidariedade que precisamos aprimorar é aquela que nos faz ver o outro, a outra, a diferente, o diferente. É aquela que nos abre para aprender com eles, nos faz querer ver a

vida, ver os olhos deles, compartilhar seus sentimentos (simpatia = sentir juntos, ter os mesmos sentimentos), nos vincula com eles, nos faz sentir com eles (ter compaixão), que nos leva a sentir com sua pele, a colocar-nos em seu lugar (empatia), nos leva a experimentar com eles mais um pouquinho da imensa diversidade que é a vida. Quando somos capazes disso, então somos solidários. E, sem solidariedade, não encontraremos saída para os nossos dilemas.

A origem etimológica da palavra solidariedade é exatamente esta: sentir-se solidamente parte do mesmo corpo. E a ecologia, sendo somada à postura de responsabilidade para com a nossa comunidade, nos leva a compreender que esta comunidade é parte de múltiplas comunidades, integrando círculos cada vez maiores. Com as noções da ecologia, a solidariedade alcança então um valor universal, um nível cósmico, faz com que nos percebamos não só como membros da grande família humana, em que cada pessoa em sua pequena tribo está unida e comprometida com o destino da humanidade, mas que cada pessoa e cada comunidade está comprometida com o futuro de todas as formas de vida e mesmo da vida neste planeta. Com a ecologia, a solidariedade passa a abranger a nossa casa cósmica com todas as suas formas de vida e os ecossistemas que as sustentam. O cosmos é o nosso corpo, um grande corpo vivo em que se experimenta a grande sinfonia da vida, amorosamente partilhada conosco pelo Deus criador da Vida.

Porém, esse sentimento, essa atitude de se sentir e fazer-se parte de um corpo maior, e de ver a outra e o outro como parte de meu corpo, surge se a alimentarmos. Resulta de um esforço contínuo, é fruto de uma opção, de uma escolha. Todo o trabalho do CEBI quer fortalecer em nós esta opção, quer levar muitas outras e muitos outros a fazerem esta opção. A Assembleia Nacional do CEBI, que enfocou o tema da Ecologia, é mais um marco nessa caminhada. Regar, adubar, fortalecer esta opção é também o desejo da autora e dos autores dos textos desta publicação.

Embora hoje seja proclamada a terceira geração dos direitos, que afirmam a solidariedade planetária com todas as formas de vida (os direitos coletivos da humanidade e das futuras gerações à qualidade de vida, à integridade ecológica, à paz e ao acesso ao patrimônio tecnológico e cultural universal), a solidariedade no momento é campo de disputa entre os diversos atores sociais. A prática pode não ir muito além do discurso e das boas intenções, mantendo esta sociedade de desigualdades crescentes, construindo um grande simulacro de sociedade preocupada com a ecologia e a solidariedade.

Colocar, contudo, a discussão da ecologia como ampliação da solidariedade para com os pobres e oprimidos nos ajuda a não cair em tal situação. De fato a concepção básica de que a humanidade deve dominar e explorar a natureza provém da dominação e exploração do ser humano pelo ser humano. Na verdade essa concepção vem de tempos remotos em que o homem começou a explorar e dominar as mulheres dentro da família patriarcal. Por isso, essas coisas não podem ser tratadas separadamente. E a perspectiva da solidariedade cósmica permite este amálgama.

Somente a solidariedade pode nos ajudar a refundar a utopia e superar a barbárie advinda da desordem do mundo do trabalho, da produção e da distribuição. Este é o grande desafio deste novo milênio! Não devemos esperar por um programa a realizar. Devemos ser solidários, buscar soluções solidárias, com criatividade, com respeito à diversidade, cada um, cada uma partindo de sua localidade, num movimento de reconhecimento às gerações passadas, e de responsabilidade para com as gerações futuras; devemos ir tecendo seus fios e sinergicamente entrelaçando-os com a grande teia da vida no universo. O certo é que vivemos um tempo de transição e, portanto, de opções. Cabe a cada um escolher e fazer sua aposta fundamental!

Certamente a leitura deste conjunto de textos trará muita luz para estas opções.

O texto da Pa. **Wanda Deifelt**, teóloga feminista, inicia contando uma bela história de quatro mulheres. Em seguida, aborda o surgimento do ecofeminismo. As primeiras abordagens, conhecidas como “teologia da mulher”, “teologia na ótica da mulher” ou “teologia feminina”, enriquecidas pelo emprego da questão do gênero como uma categoria de análise da sociedade – ao lado das categorias de classe e raça – fazem surgir a “Teologia Feminista”. A Teologia Feminista firma-se com o método da desconstrução, no qual a suspeita serve como guia para revelar as relações das leituras bíblicas, teologias, instituições e práticas religiosas com o contexto onde surgiram (hermenêutica da suspeita). Assim, a Teologia Feminista não só demonstra e denuncia que muitas vezes de fato a religião fornece legitimação para atos de dominação, violência e discriminação, mas também resgata “elementos libertadores e afirmadores de dignidade que estão na raiz do Cristianismo e de outras religiões”. E com o resgate destes elementos inicia-se o processo de “reconstrução”, que é um processo criativo, no qual se apontam “novas formulações teológicas a partir de reinterpretções de textos bíblicos, da tradição da igreja e da vivência de fé das pessoas hoje”.

No processo de reconstrução, a busca por “modelos alternativos que fomentam relações baseadas na reciprocidade, solidariedade e amizade”, valores “possíveis a partir da busca pela justiça e pela paz, compreendida de acordo com o Shalom na concepção do Judaísmo: o bem-estar de toda criação”, estabelece a ponte entre o feminismo e o ecofeminismo. E assim entra na luta por “relações mais respeitadas – paritárias e integradas (holísticas) – que afirmam a dignidade de toda a vida”. De todas as formas de vida e de todos os elementos e relações que as tornam possíveis.

“Assim, utilizando o princípio da desconstrução e da reconstrução, percebe-se a urgência de criticar todo o modelo consumista, capitalista, racista, machista, excludente em que vivemos. Isto, inclui também a autocrítica, ou seja, perguntando em que medida a Bíblia e a tradição ajudaram a justificar modelos antiecológicos”, que a autora define como “modelos que negam a interdependência da parte com o todo e do todo com cada uma das partes, que fomenta desigualdades, que impede a vida.” Isso porque na América Latina o ecofeminismo exige “um compromisso da humanidade na vivência real, concreta e cotidiana dos valores que defendemos. Em outras palavras o ecofeminismo proclama uma coerência ética”.

Como uma pequena amostra, a autora analisa a tradução do termo *Adam*, em Gn 2,7. E, apesar da brevidade da análise, fica muito clara a necessidade e a grande contribuição da releitura da Bíblia e das tradições religiosas nesta perspectiva.

Entretanto, se por um lado o feminismo modifica-se ao aproximar-se da ecologia, a ecologia também precisa ser redefinida a partir de seu acercamento ao feminismo. A ecologia passa a ser compreendida como o estudo da casa em que habitamos: “da casa que habito, como meu próprio corpo, da casa que habito comunitária e socialmente, da casa que habito como cosmo”. No entanto, o ecofeminismo insiste em que o ponto de partida deve ser a experiência dos corpos das mulheres, porque é exatamente este o “lugar onde se revelam todas as opressões, discriminações, contradições e hierarquias que levaram à crise ecológica”. A experiência do corpo pessoal, portanto, se dá na relação com outros corpos. Por isso, é necessário tomar em consideração também as relações dos corpos entre si. Estas são “as experiências do corpo comunitário e social”. E aqui também o ecofeminismo se torna fortemente ecumênico, pois “é necessário ampliar a descrição de Paulo, em 1Cor 12, para abraçar não só quem pertence à comunidade, mas ao todo da sociedade”. Torna-se também mais ecológico, porque o respeito deve ser estendido “a todas as criaturas de Deus”.

A autora finaliza este ponto afirmando que “uma valorização do corpo comunitário e social impõe uma revisão de toda a interpretação bíblica e tradição da igreja que justificam a inferioridade dos corpos humanos em favor de uma realidade espiritual. Toda formulação que não questionar a dicotomia entre o mundo masculino e o feminino, público e privado, cultura e natureza, espírito e matéria, alma e corpo, sagrado e profano, razão e emoção, continua perpetuando valores hierárquicos. Sempre o primeiro é superior ao segundo, e quando se trabalha com valores de superioridade e inferioridade, não se pode resgatar a interdependência, afirmar a conexão mútua, ou celebrar a vida em sua complexa teia de relações”.

Aqui também começa a delinear-se mais claramente a perspectiva espiritual e mística envolvida. “O ecofeminismo afirma a inter-relacionalidade de todos os seres vivos, a interdependência entre o todo e a parte, a complexidade que mantém a vida”. Com isso se chega às experiências do corpo cósmico. “As experiências do corpo cósmico podem ser descritas como as experiências de uma espiritualidade encarnada, de uma mística do cotidiano, daquele reconhecimento da relação de todas as coisas entre si, da interdependência de todos os elementos, da energia vital que pulsa em todas as coisas, inclusive em nós, da percepção da divindade em toda a criação, do Deus presente em tudo... Esta espiritualidade, que diz ser o cosmo um corpo e cada corpo um cosmo, impulsiona um novo jeito de pensar acerca de nós mesmas/os: com muito mais humildade, com mais leveza, mais preocupação pelo bem estar de quem e do que nos cerca. Enfim, um resgate do *shalom*”.

Na sequência, frei **Carlos Mesters**, carmelita e biblista popular, nos brinda com uma contribuição a respeito da relação entre Bíblia e ecologia. E o faz com seu jeito, que tanto nos cativa, com um elenco de sete pontos articulados entre si como raízes, tronco, ramos e folhas de uma árvore. Dentre os três pontos que formam a raiz dessa árvore, dois são aspectos positivos que devem ser tomados como norteadores da leitura bíblica e da prática cristã e um é negativo e deve ser abandonado. Os dois aspectos positivos, as duas raízes boas, atravessam toda a Bíblia: a defesa da vida e a denúncia da idolatria. Dessas duas raízes brotaram na época bíblica, e brotam ainda hoje, vozes e movimentos proféticos denunciando a injustiça, a discriminação e a morte. Há, porém, a terceira raiz. Esta deve ser melhor conhecida para que possa ser definitivamente cortada. Essa raiz também aparece dentro da Bíblia. É a leitura da Palavra de Deus a partir do poder dominador. É uma interpretação que nasce do trono para legitimar e justificar os projetos de

dominação dos mais fortes sobre os mais fracos. É uma leitura que produz discriminação, hierarquias, que violenta os corpos e as mentes dos pobres, dos índios, dos negros, das mulheres... uma raiz que precisa ser cortada para que a árvore da vida possa crescer livre e sadia.

Frei Carlos fala ainda de dois outros pontos que seriam o tronco dessa árvore. São duas novas óticas: “a ótica ecológica”, uma nova maneira de compreender o mundo, que “faz com que aos poucos a gente comece a perceber que no universo inteiro, tudo está interligado. As pessoas, as plantas, os rios, os animais, as estrelas, o universo inteiro é uma grande unidade. A parte depende do todo e o todo depende da parte”. E dessa nova maneira de compreender o mundo e a vida nasce também uma visão de Deus “menos antropocêntrica e bem mais humilde”. Descortina-se um novo rosto de Deus.

As folhas e as flores que brotam desse tronco fecham o conjunto dos sete pontos. São elas: de um lado, uma perspectiva que permite resgatar da Bíblia relações que ainda hoje podem inspirar práticas holísticas e integradoras com a natureza, e por outro lado, uma “dimensão mística”, que nos ensina “a olhar a natureza como revelação de Deus”. Esta é, porém, uma mística que exige comprometimento e engajamento. Para que tudo se torne verdadeiramente “uma teofania, uma revelação de Deus” é necessário “uma ação transformadora”. São, portanto, sete pontos que nos conclamam a agir.

Em seguida, temos o texto do Pe. **Marcelo Barros**, monge beneditino e teólogo do ecumenismo. Abre sua fala, lembrando que o problema ecológico, mesmo que hoje atinja quase o mundo inteiro, é decorrente do modo ocidental de relacionar-se com a natureza. O ocidente agiu com a natureza como se fosse o seu dono e senhor onipotente. No entanto, os orientais “sempre tiveram uma relação muito natural, muito profunda, muito afetuosa, muito religiosa com ela. As religiões orientais sempre viram o sagrado em cada elemento da vida, na terra, na água, em cada ponto”. Partindo desse pressuposto, ele fala que construir uma espiritualidade ecológica, uma espiritualidade ecumênica, exige disposição para aprender com esses povos, com essas culturas.

Marcelo nos fala que esse aprendizado não significa tornar-se um índio, ou tornar-se um budista, ou um oriental, mas é “um caminho espiritual”. Esse caminho exige o abandono de qualquer sinal de arrogância para realizar a *kenosis*, como o esvaziamento do Pai, realizado em Jesus (Fl 2,7). Somente assim se pode alcançar “uma espiritualidade ecumênico-ecológica”. Lembra também que esta espiritualidade exige “uma espécie de ruptura com a mentalidade do mundo vigente, do mundo dominante”. Assim sendo, este caminho espiritual assumido hoje

é também um caminho profético. É profético na medida em que nos compele a uma solidariedade radical e total, pois nos leva a uma atitude de “grande comunhão” em que “a gente é um só com tudo o que existe”. E essa solidariedade nos leva a falar, a agir e a lutar em defesa não só das pessoas, mas também de todas as formas de vida que hoje estão ameaçadas de extinção. Esse caminho espiritual é uma releitura do caminho profético para o nosso tempo.

O próximo texto a compor a coletânea é o texto do Sr. **Cláudio Langone**, Engenheiro Químico e ex-Secretário Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul. O texto começa com a afirmação de que a relação e o diálogo dos setores ambientais e governamentais com as igrejas deve partir do reconhecimento “da necessidade de uma revisão das relações entre a espécie humana e a natureza”. E que o diálogo “tem muito a ver com a dimensão religiosa, espiritual, porque as grandes mudanças que devemos operar são mudanças de valores éticos e morais”.

Segue com uma discussão sobre a origem do conceito do desenvolvimento sustentável e de seus limites. Acentua que a lógica da sustentabilidade não deve restringir-se às chamadas questões ecológicas ou à agenda verde, mas deve atravessar toda a discussão sobre as estratégias de desenvolvimento. E, nesse sentido, ressalta como muito importante o “compromisso da ética intergeracional”. Essa é uma ideia “presente em muitos povos indígenas, por exemplo, que antes de tomar uma decisão, olham para várias gerações para trás e várias gerações para a frente”. Depois inicia uma avaliação do que foi e o que resultou da 2ª Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, no Rio de Janeiro, e que ficou conhecida como a ECO-92. Ali 179 chefes de Estado assinaram um plano chamado AGENDA 21, que, em 40 capítulos, traz propostas de ação para reverter o quadro cada vez mais crítico, causado pelo aumento da poluição, o esgotamento dos chamados recursos naturais, o consumo exacerbado, e o aumento da pobreza.

Dentre os vários desafios que permanecem hoje, citou como os mais urgentes: a diminuição da pobreza, isto é, a necessidade de uma repartição mais justa dos bens, dos serviços e das riquezas produzidas, e a necessidade de uma “mudança dos padrões de produção e consumo”. Para estender o padrão de consumo dos países ricos para todas as pessoas do mundo seriam necessários dois planetas terra e meio. No entanto, o quadro hoje, é diferente da época da ECO-92. Estamos dentro do processo da globalização, que promove uma grande circulação de matérias primas e de produtos e tem uma influência muito grande na

definição dos estilos de vida do planeta. Esse fluxo, apesar das resistências dos poderosos, precisa passar por uma regulação que promova a sustentabilidade. E se dá dentro de um processo de urbanização muito acelerado, urbanização que, no entanto, significa agregação de pobreza às cidades, causando pressão sobre as áreas de preservação ambiental e diminuição da qualidade de vida. Isso faz com que um dos grandes temas emergentes na discussão ambiental, hoje, em nível internacional seja “a questão da justiça ambiental, ou seja, como você promove mecanismos de regulação que diminuam as profundas desigualdades que a sociedade e que os diferentes grupos sociais têm no acesso aos bens naturais”. Dentre esses, o mais emblemático é o acesso à água. “O nível de desigualdade das pessoas no acesso à água, se nós considerarmos que a água que está aí no subterrâneo e nos rios é um bem público e todos nós temos o mesmo direito sobre ela, é brutal”.

A partir daí, passa a relatar sobre o encontro das Nações Unidas, realizado em Joanesburgo, que deveria servir para avaliar e implementar os acordos da ECO-92, mas que, por interferência dos países ricos, capitaneados pelos Estados Unidos, redundou em fracasso. Isso é visível no documento final, cujo conteúdo ficou genérico demais, sem nenhum compromisso concreto, e que mais de cem vezes cita a OMC-Organização Mundial do Comércio, subordinando “toda a lógica dos grandes acordos internacionais à dinâmica do comércio internacional”. Fala também do processo de esvaziamento pelo qual está passando esse tipo de grandes conferências e a própria ONU. Aponta também para o papel que cabe ao Brasil, agora com novo governo.

O Sr. Cláudio Langone termina sua apresentação com uma nota de esperança, que, no entanto, encerra para todos nós um grande desafio. Por um lado “estamos vivendo um momento de crise aguda, que deixa muito explícito quem é inimigo da sustentabilidade”, e “ao mesmo tempo nós estamos vivendo um processo de crise aguda do modelo neoliberal”. Por outro lado, verifica-se o “crescimento da articulação da sociedade civil em nível planetário, sobretudo em torno do Fórum Social Mundial”. Afirmar, porém, que “já está na hora de o Fórum Social Mundial, compreendendo a necessidade de manter sua diversidade, que é sua maior riqueza, compreender também a necessidade de que nós identifiquemos algumas grandes ideias-força que estruturem os elementos fundantes da ideia de uma nova globalização”. Em sua opinião, elas deveriam conter “a dimensão da sustentabilidade ambiental”, “a ideia de justiça ambiental”, e pensar “uma lógica diferenciada de desenvolvimento e de futuro para a humanidade”.

Fechando o conjunto, encontra-se o texto intitulado “Por uma ação ecológica em nossa comunidade: A vida está em perigo!”, do P. **Hélio Schaidhauer Pacheco**, animador do Grupo Ecológico TERRAGUAR. Este texto procura, a partir de uma motivação bíblico-cristã e do despertar de uma consciência ecológica, dar pistas simples e concretas de como iniciar uma ação ecológica, um grupo de defesa da qualidade de vida dentro da comunidade.

Embora bastante curto, o artigo fornece uma ajuda direta para que a preocupação com a questão ecológica não fique somente no discurso das pessoas. Ele propõe uma ação prática e objetiva. O discurso e a prática não devem ficar no nível da generalização, atacando problemas de ecossistemas distantes. É fundamental que sejam enfrentados os problemas concretos que atingem diretamente a comunidade. Propõe ainda que não se ataquem todos os problemas de uma só vez, mas sugere que se estabeleça uma ordem de prioridade e que se passe de um problema a outro somente quando o primeiro já estiver resolvido ou com solução definitivamente encaminhada. É uma bela contribuição para fazer mais gente colocar o pé nesta estrada!

Boa leitura!

Luiz José Dietrich

Contribuições da Teologia Ecofeminista para uma Leitura Ecológica da Bíblia

Wanda Deifelt

“Era uma vez quatro mulheres, que se encontraram para falar e escutar e tocar. Uma era cega. Uma era surda. Uma era muda. A quarta mulher sabia ver e escutar e falar. Esta é a sua história. Ela é tão verdadeira quanto vocês precisam que ela seja.

A mulher cega falou:

“Mesmo que eu não possa ver, eu sinto que há três mulheres perto de mim. Eu nunca pedi isto antes, mas será, se é possível, se não for incômodo, vocês poderiam me escutar...”

A mulher que era muda começou a falar em linguagem de sinais para a mulher que era surda:

“Desde que nasci me disseram que eu não posso enxergar, que eu sou cega. Com minhas mãos eu aprendi a ler e estudar por muitos anos e eu estou quase convencida de que, bem, de que eu tenho visões. Eu não diria isto a pessoas estranhas, mas é que eu não aguento mais. Eu ‘vejo’ – desculpem, não existe outra palavra, mesmo sabendo que não é apropriado – eu ‘vejo’ um mundo que está morrendo. O sol, muitas vezes, é escurecido por uma sujeira amarelo-cinzenta. O solo está espezinhado e arrebetado, onde não está sufocado por imensas construções de concreto. De noite, não há estrelas visíveis para serem contadas. Animais estão apinhados em seus cubículos, esperando para ir ao açougue. Há homens e mulheres neste mundo, trabalhando em fábricas que cospem fumaça venenosa no ar. Estes homens e estas mulheres também serão mortos, mas parece que eles não se dão conta. Há mulheres neste mundo, mulheres que parecem satisfeitas em fazer aquilo que os homens as mandam fazer. Se elas não obedecem, elas são insultadas, ignoradas, ou agredidas violentamente. Isto é o que eu ‘vejo’. Por favor, o que eu vou fazer?”

A mulher surda falou:

“Com as mãos de outra e com os meus olhos, ‘escutei’ o que você me disse. Eu não acho a sua história estranha, porque me disseram,

desde que nasci, que eu sou surda, mas eu escuto sons em minha cabeça. Isto é o que eu 'ouço': grandes barulhos e batidas, gemidos profundos e assobios. Murmúrios baixinhos, às vezes confortantes. Gritos fortes. Às vezes, um lamento. Soluços inesperados. Estes sons se tornaram penosos demais para escutar”.

Hesitante, devagar, a mulher muda começou a falar:

“Às... vezes... como... agora... eu... lembro... de... já... ter... falado... antes... Mas... quando... eu... falei... me... disseram... que... eu... não... podia... Por... isto... agora... eu... já... não... posso... mais”.

Finalmente, depois de um longo silêncio, a quarta mulher falou:

“*Eu digo que vocês podem.* Abra seus olhos, mulher. Verdadeiramente, você pode ver com mais clareza do que aqueles que disseram que você era cega. Abra seus ouvidos, mulher. Verdadeiramente, você consegue ouvir com mais clareza do que aqueles que disseram que você é surda. Abra sua boca, mulher. Verdadeiramente, as suas palavras são necessárias agora, muito mais do que as palavras dos que disseram que você é muda”.

E a quarta mulher continuou:

“Quando eu era criança, me disseram que eu não era gente. Como mulher, me disseram que eu não era mulher de verdade, porque eu não me vestia como me diziam para vestir. Porque eu não agia como me diziam para agir. Porque eu não via o que me diziam para ver. Porque eu não dizia o que diziam para dizer. Este é o meu pedido: Que vocês me olhem. Que vocês me escutem. Que vocês falem comigo”.

E as quatro mulheres começaram a olhar e a escutar e a falar e a se tocar.¹⁷

1 Teologia Feminista e Ecologia: Ecofemismo

A Teologia Feminista surgiu com tal nome na década de 70, concomitante ao movimento feminista. Na América Latina, o termo Teologia Feminista de Libertação foi adotado em dezembro de 1993, no Encontro Regional das Teólogas da ASSET (Associação de Teólogos/as de Terceiro Mundo), no Rio de Janeiro. Antes disto, o fazer teológico, a partir da realidade das mulheres e voltado para a sua valorização tanto dentro da Igreja como na sociedade, havia utilizado nomenclaturas como “teologia da mulher”, “teologia na ótica da mulher”, ou “teologia feminina”. Ao empregar o termo feminista, as teólogas reunidas assumiram gênero como uma categoria de análise da realidade (assim como já haviam utilizado classe e raça). Em outras palavras, perguntavam em que medida a existência humana ainda podia ser entendida sem fazer

referência aos condicionamentos sociais, políticos, culturais e religiosos que determinam o modo como homens e mulheres devem viver, cerceando potencialidades, impedindo a dignidade humana.

Em primeiro lugar, a Teologia Feminista critica os elementos da tradição religiosa que fundamentam qualquer tipo de discriminação. Em segundo lugar, ela resgata os elementos libertadores e afirmadores de dignidade que estão na raiz do Cristianismo (e de outras religiões). A Teologia Feminista sempre parte da suspeita de que o Cristianismo tem mais a oferecer do que aquilo que nos é dado, e que a religião também desempenha um papel de legitimação de normas e padrões culturais passíveis de questionamentos. A partir da tradição bíblica, percebe-se dois argumentos comumente utilizados: a) que homem e mulher são criados à imagem de Deus (Gn 1,27), e, b) que a partir de Jesus e no batismo já não há mais motivos para discriminação, pois somos uma unidade em Cristo (Gl 3,27-28).

No processo de revisão dos ensinamentos religiosos, utiliza-se o método da desconstrução e reconstrução, no qual, a partir de uma hermenêutica da suspeita, avalia-se criticamente os resultados das práticas e teologias que permanecem até hoje. Consta-se que, em grande medida, a religião foi utilizada para subjugar, oprimir e desvalorizar indivíduos e grupos sociais. A Bíblia, em especial, foi utilizada para dar esta legitimidade. Com relação às mulheres, por exemplo, é flagrante o ensinamento religioso (muito enfatizado no Cristianismo já a partir do final do primeiro século d.C.) que a mulher foi a segunda na ordem da criação, mas a primeira a pecar. Por ser descendente de Eva, toda mulher carrega em si a culpa pela queda da humanidade, falha que só será parcialmente aliviada na imitação a Maria (como modelo de submissão e não em seu papel profético). A desconstrução analisa criticamente esta linha de argumentação e retira dela a sua legitimidade, na medida em que questiona ser ou não uma verdade de fé.

A reconstrução aponta para novas formulações teológicas a partir da reinterpretação de textos bíblicos, da tradição da igreja e da vivência de fé das pessoas hoje. Neste processo, identificam-se modelos alternativos que fomentam relações humanas baseadas na reciprocidade, solidariedade e amizade. Estes valores são possíveis a partir da busca pela justiça e pela paz, como é entendido o *Shalom* na concepção do Judaísmo: o bem-estar de toda criação. Isto só é possível através de relações mais respeitadas, que afirmam a dignidade de toda a vida e a nossa capacidade, como seres humanas, de discernir e de nos relacionarmos com o todo da criação. Neste sentido, a Teologia Feminista resgata a memória e forceja a inclusão das pessoas excluídas, especial-

mente – mas não exclusivamente – de mulheres. A exemplo do que acontece na sociedade, almeja uma cidadania eclesial plena para todos os seres excluídos.

A Teologia Feminista utiliza como instrumental de análise a teoria das relações de gênero. Ela analisa como os papéis sociais, atribuídos aos homens e às mulheres, são social e culturalmente construídos. Gênero e sexo são coisas distintas. Sexo é a caracterização biológica, ao passo que gênero é a construção social do que constituem os papéis, as funções e os valores considerados inerentes a cada sexo em determinadas culturas ou sociedades. Percebe-se que, em grande escala, os atributos construídos remetem a um essencialismo, ou seja, que existem duas naturezas, uma feminina e outra masculina, que predispõem as mulheres a valores como paixão, ternura, maternidade (tudo que remete ao mundo privado, doméstico), ao passo que os homens teriam como características inerentes a lógica, o raciocínio, a cultura e o mundo público/político. A teoria feminista também questiona as dicotomias, os dualismos e as polaridades que cerceiam as potencialidades humanas.

O Ecofeminismo, na América Latina, é influenciado pelo pensamento de três grandes teólogas: Anne Primavesi, da Irlanda; Rosemary Radford Ruether, dos Estados Unidos e Ivone Gebara, do Brasil. Em comum, estas autoras têm a ênfase no estabelecimento de relações mais paritárias e integradas (holísticas), que afirmam a dignidade de toda a criação e promovem nossa capacidade, como seres humanas, em nos relacionarmos com o todo da criação de um modo que os dualismos (entre natureza e cultura, o mundo espiritual e o terreno, alma e corpo, por exemplo) são superados. O trabalho mais meticuloso na área de Ecofeminismo é o desenvolvido pelo *Coletivo Conspirando*, de Santiago, Chile, que tem uma publicação com o mesmo nome.

Na América Latina, o Ecofeminismo mostrou que são necessárias múltiplas e complexas abordagens para superar a crise do planeta: enfoques a partir da reinterpretação bíblica, uma revisão da teologia, novas propostas de espiritualidade e, mais importante, um compromisso da humanidade na vivência real, concreta e cotidiana dos valores que defendemos. Em outras palavras, o Ecofeminismo proclama uma coerência ética. Aliás, na concepção ecofeminista, esta crise não é só uma destruição do meio ambiente, do hábitat, mas envolve um colapso no todo das relações: do ser humano com a natureza, dos seres humanos entre si, da criação com seu criador. Assim, utilizando o princípio da desconstrução e reconstrução, percebe-se a urgência em criticar todo o modelo consumista, capitalista, racista, machista, excludente em que vivemos. Isto inclui também a autocrítica, ou seja, a pergunta em que

medida a Bíblia e a tradição ajudaram a justificar modelos antiecológicos (aqui definidos como modelos que negam a interdependência da parte com o todo e do todo com cada uma das partes, que fomentam desigualdades, que impedem a vida). Depois disto é possível resgatar aqueles elementos, dentro da Bíblia e da tradição, que permitem a relacionalidade.

O Ecofeminismo aponta o quanto a simples tradução de um termo como *Adam*, em Gn 2,7, reflete a nossa concepção antiecológica. Ao traduzir o termo como *homem*, como o faz Almeida (“Então formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”), ele revela, de uma maneira flagrante, a hierarquia lida para dentro do texto: da alma sobre o corpo, do espírito sobre a matéria, do ser humano sobre a terra. A maneira como nós definimos este ser humano depende da nossa antropologia, do nosso modo de vida, da nossa cosmovisão (visão de mundo). A tradução de Almeida tenta superar a proximidade, a raiz comum entre *adam* e *adamah*, entre ser humano e terra. Outras traduções mais fiéis seriam:

Javé-Deus formou um terrícola de torrões de terra (Meyers)

Javé-Deus formou o humano de torrões de húmus (Meyers)

YHWH-Deus formou o terrestre do pó terreno (Korsak)

Javé-Deus formou a criatura terrena do pó da terra (Trible).

Quem é o ser humano, afinal? Um ser criado da terra e que retorna à terra, interconectado pela mesma energia que emana da própria terra e que o faz um ser vivente (*nefesh*). Este ser vivente é animado por um espírito, que recebe de Deus, que lhe é soprado pelas narinas, com que comunga do poder da *Ruach* (Espírito, brisa, sopro da divindade). Mas esta *Ruach* não faz com que o ser vivente seja uma alma, como traduz Almeida. Pelo contrário, é a brisa divina que anima o corpo, que lhe dá textura. É a palavra (*Dabar*) de Deus que encarna neste primeiro ser humano.

Outra construção errônea é a tradução de *Adam/Adão* como sinônimo de ser humano masculino. Homem (*ish*) só existe no relato mais antigo do Gênesis, quando existe uma mulher (*ishá*). Uma análise detalhada do texto de Gn 2 mostra quantos de nossos preconceitos e hierarquias não podem ser lidos a partir do relato bíblico, mas foram lidos para dentro dele. Um exemplo clássico é o de Gn 2,18, onde se afirma “fallei uma auxiliadora que lhe seja idônea”. Interpretamos que auxiliadora seja sinônimo de ser inferior, uma serviçal submissa. A mulher é uma ajudante que lhe é igual. O termo ajuda (*éser*), usado para descrever a mulher, é usado no Antigo Testamento, principalmente para descrever a

relação entre a humanidade e Deus. *Éser* é a força, a ajuda, a proteção de Deus. A mulher é *éser*, o poder que é de igual para igual, idôneo.

O Ecofemismo apresenta maneiras totalmente novas de nos entendermos e nos definirmos: diante de nós mesmas, como criaturas finitas, diante de quem e do que nos cerca, o outro e a outra. Esta revisão implica em ver com novos olhos, abrir-se para as possibilidades do texto bíblico, debruçar-se com dedicação no estudo para poder discernir quais são os valores que queremos celebrar e quais as propostas que queremos descartar. Sem este exercício de criticidade, de exercício da consciência, não há reflexão. Portanto, uma reflexão bíblica, a partir do Ecofemismo, precisa redefinir a própria ecologia como o estudo da casa: da casa que habito como meu próprio corpo; da casa que habito comunitária e socialmente; da casa que habito como cosmo, como o mundo inteiro, um universo que está em mim e no qual eu também coabito.

“A singularidade da Teologia Feminista não reside em seu uso do critério da experiência, mas, antes, em seu uso da experiência *das mulheres*, que no passado foi quase que inteiramente excluída da reflexão teológica.”² Por isto, para o Ecofeminismo, falar de Bíblia e Ecologia precisa passar, necessariamente, pelas experiências: de nossos corpos pessoais, de nossos corpos comunitários e sociais, bem como de nosso corpo cósmico.

2 Experiências do corpo pessoal

“Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo... santuário do Espírito Santo? Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.” (cf. 1Cor 6,15-19)

Falar da experiência do corpo pessoal implica defini-lo. Experiência consiste dos eventos que formam as percepções e as posições políticas de cada pessoa. As experiências das mulheres são os acontecimentos que marcam as mulheres de uma maneira particular. Elas podem ter as marcas de opressão, discriminação, privilégio, libertação, luta, etc. Uma descrição da experiência das mulheres pode destacar a realidade biológica do sexo feminino, tais como menstruação, procriação, ou amamentação. Também pode envolver uma análise do processo de socialização das mulheres, tomando em consideração diferenças biológicas, emocionais, ou intelectuais em relação ao sexo masculino (o que a cultura nos ensina sobre o que é ser mulher). A descrição das experiências das mulheres também pode incluir o desenvolvimento psicológico das mulheres, a baixa autoestima e a falta de autonomia. Outra descrição das experiências das mulheres pode

ser relacionada com os problemas teológicos resultantes dos conflitos com as Escrituras, tradição ou pronunciamentos eclesiásticos. Ela pode, ainda, enfatizar as oportunidades limitadas de educação, participação política, igualdade econômica e racial, incluindo a discriminação que ignora as capacidades das mulheres, a exclusão das mulheres do poder de decisão e a percepção das mulheres como cidadãs de segunda categoria. A noção de experiência inclui as múltiplas e complexas facetas da vida humana, juntando todos os diferentes eventos que formam a vida das mulheres.

O Ecofeminismo começa pela experiência dos corpos das mulheres, porque é exatamente este o *lócus*, o lugar onde se revelam todas as opressões, discriminações, contradições e hierarquias que levam à crise ecológica. É importante esclarecer, aqui, que os corpos, aos quais a Teologia Feminista se refere, não são os corpos valorizados e venerados pelos meios de comunicação, esculpidos por silicone ou anabolizantes. São os corpos reais, famintos, vítimas de violência, despídos de sua dignidade pela fome, pela pobreza, pela discriminação racial e sexual. São os corpos das mulheres que morrem em decorrência de complicações devido ao parto.³ São os corpos das mulheres que sofrem devido à violência doméstica.

O discurso sobre o corpo da mulher é a síntese do referencial *kyri-arcal*⁴, no qual a mulher é definida, assim como a natureza, como um elemento inferior da criação, que precisa ser dominado como a própria natureza. Criou-se uma hierarquia de valores em que o homem é mais valorizado. Desta forma, é a mulher quem deve se adaptar ao homem. Textos bíblicos, como o de Gn 3,16, são interpretados de modo a privar a mulher não só do exercício pleno de sua sexualidade, mas também para impedi-la de tomar decisões sobre o seu próprio corpo.⁵ O homem teria prioridade devido à sua superioridade, e o prazer da mulher é para o benefício do homem. Devido ao aspecto pecaminoso que o exercício da sexualidade assumiu no contexto da Igreja Cristã, especialmente com os Pais da Igreja, ela deixou de ser parte do processo criador de Deus e foi vista como um meio, cujo fim exclusivo é a reprodução.⁶

A análise das relações de gênero tenta superar este discurso, tendo em vista que nossa identidade, enquanto seres masculinos e femininos, também é aprendida, não nos é simplesmente dada por natureza. Quando um menino chora, muitas vezes, escuta: "Pare de chorar! Você chora como uma menina. Homem não chora". Assim aprende que ter sensibilidade e expressar seus sentimentos não lhe é natural. No entanto, os homens têm os mesmos sentimentos e carecem de afeto tanto quanto as mulheres, mas são ensinados a reprimir esta necessidade. Chega-se ao ponto de falar de *valores* masculinos e femininos. Característico das mu-

Iheres seria “a ênfase no relacionamento interpessoal, a atenção e o cuidado com o outro, a proteção da vida, a valorização da intimidade e do afetivo, a gratuidade das relações.”⁷ Essa diferenciação essencialista é bastante perigosa, porque dá a falsa impressão de que a mulher detém o monopólio sobre a afetividade e a ternura, ao passo que o homem tem capacidade somente para a racionalidade, a objetividade e o pensamento linear.

Enquanto continuarmos sendo definidas e definidos pelo discurso dualista, continuaremos sendo seres incompletos que não conseguem viver a totalidade de nossas potencialidades. Aos poucos, nos damos conta que, como seres humanos, temos muito mais potencial do que estamos utilizando – e não estamos desenvolvendo o nosso potencial por causa de estereótipos, pelos preconceitos que nos limitam. Por isto, a desconstrução de estereótipos de gênero não se dá somente pela racionalidade, mas também pelo nível subjetivo e simbólico. Apesar de podermos analisar a construção social de papéis através de estruturas de poder, pelos mecanismos de proibição e punição que asseguram relacionamentos humanos assimétricos, é no imaginário que encontramos a sustentação mais contundente dos ideais femininos e masculinos. A construção de gênero se dá também pelo subliminar, pelo inferido, pelo que não é discutível. Trata-se de uma construção tão difundida que passa sem contestação.

3 Experiências do corpo comunitário e social

“Assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo.” (1Cor 12,12)

A relação de corpos entre si é apreciada nas experiências do corpo comunitário e social. Na comunidade cristã primitiva, o corpo de Cristo não é só uma metáfora para descrever a igreja. Ele é a síntese de como se dão as relações humanas, assim como foram propostas por Jesus em seu ministério: incluindo quem estava excluído, curando quem estava doente, alimentando quem tinha fome, dando vida a quem estava morta. Paulo mesmo, no entanto, revela que o trato de um ser humano com seu próximo nem sempre é amoroso e, às vezes, é marcado por conflitos, discórdias e competição. Para resolver isto é necessário, em primeiro lugar, um reconhecimento do valor intrínseco de cada uma, cada um como integrante do corpo de Cristo (que é a igreja). Em segundo lugar, é necessário ampliar a descrição de Paulo, em 1Cor 12, para abraçar não só quem pertence à comunidade, mas ao todo da socieda-

de. Por isto, o respeito se estende a todas as criaturas de Deus. Reflete-se, assim, que a dignidade da vida se amplia ao que me é totalmente diferente, o outro e a outra que representam culturas, religiões e realidades que não se enquadram no meu modo de pensar.

Mas estas ideias são difíceis, começando pelo próprio relacionamento entre homens e mulheres. A construção social dos atributos dados a mulheres e homens, em determinada cultura ou contexto, não é ditada somente pela biologia. Ser homem e ser mulher não é só uma questão de sexo, mas consiste em uma elaborada teia de informações que vamos recebendo desde antes de nosso nascimento e que nos informa sobre quais as atitudes esperadas da parte de mulheres e de homens. Esses valores são reproduzidos através da educação que recebemos na família, na escola, na igreja e através dos meios de comunicação, e que nos ensinam que uns são mais importantes do que outros, que homens têm mais valor que as mulheres. A justificativa para isso parece se encontrar no universo grego, onde os homens eram identificados com a razão, a cultura, o discurso, o público e a mente. As mulheres eram colocadas ao lado do irracional, da natureza, do silêncio, do privado e do corpo. Dentro do contexto greco-romano, categorias como racionalidade e paixão, mente e corpo, cultura e natureza, discurso e silêncio estabeleciam uma hierarquia onde o primeiro (masculino) era visto como superior ao segundo (feminino). A justificativa para essa dicotomia era uma divisão natural: a natureza masculina e a feminina.

O raciocínio dualista desenvolvido na Filosofia grega também foi apropriado pela Teologia Cristã.⁸ Para Orígenes, teólogo que atuou na primeira metade do século III, as mulheres representavam a carne, a luxúria e suas tentações. Para ele, as mulheres exemplares eram tratadas como homens honorários. As mulheres (as mártires, por exemplo) eram tidas em grande apreço, mas porque haviam ultrapassado o seu *status* de mulheres e provado que eram, de fato, íntegras, que podiam partilhar dos mesmos ideais masculinos de espiritualidade. Assim, também as mulheres que eram boas cristãs seriam consideradas homens honorários diante de Deus, e muitos homens que eram fracos e indolentes seriam considerados mulheres. Para a mulher, tornar-se um homem significava galgar um degrau, ao passo que para o homem ser igualado a uma mulher era a perdição.

A Teologia repetiu, em grande medida, a discriminação reinante na cultura com relação às capacidades e potencialidades da mulher, apesar de conter, em seu interior, também elementos afirmadores de igualdade. Estes princípios de valorização da mulher eram fortes nos primeiros séculos do Cristianismo, especialmente no movimento de Je-

sus. A sua prática de dialogar, ensinar, curar e andar em companhia de mulheres, valorizando-as, representa ainda hoje um questionamento ao modelo eclesial que se estabeleceu no período pós-Constantino (após 313, com o Édito de Milão). A junção entre a maneira grega de pensar e o modo romano de administrar, dentro da Igreja Cristã, levou a uma exclusão gradual das mulheres de posições de liderança e ensino na sociedade ocidental.

Agostinho, em seu comentário sobre Gênesis, escrito entre 401-416, concluiu que a sexualidade, o casamento e a criação da família foram resultado da queda, uma ruptura entre a situação ideal e angelical em que se encontrava o ser humano no paraíso e outra, a natureza física (a carne e suas tentações).⁹ Se antes da queda o ser humano poderia viver eternamente, a sua imanência (o oposto da transcendência característica no paraíso) o levou à morte. O corpo passou a ser visto, na Teologia Cristã, como sinônimo de pecado, queda, afastamento de Deus. Esqueceu-se, aos poucos, a tradição semítica – lembrada por Paulo – onde o corpo é boa criação de Deus, morada do Espírito. Esqueceu-se também o cerne da Cristologia, onde o Verbo se fez carne para habitar entre nós. Neste princípio, a encarnação passou a ser uma casualidade e não uma afirmação central de fé como deveria ser.¹⁰

A associação negativa entre mulher, corpo e pecado ficou cada vez mais acentuada no transcorrer da história. Dedicar tempo e energias ao mundo carnal e suas mazelas seria desviar a atenção do mundo espiritual. A mulher, por sua capacidade reprodutora, era identificada precisamente com este mundo distante do divino, reduzida ao mundo da carne e suas tentações. Tal postura é descrita em detalhes particularmente no período da Inquisição, em uma obra intitulada *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras): “Mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude desta falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepiona e mente.”¹¹

Uma valorização das experiências do corpo comunitário e social impõe uma revisão de toda interpretação bíblica e tradição da Igreja que justificam a inferioridade dos corpos humanos em favor de uma realidade espiritual. Toda formulação que não questionar a dicotomia entre o mundo masculino e o feminino, público e privado, cultura e natureza, espírito e matéria, alma e corpo, sagrado e profano, razão e emoção, continua perpetuando valores hierárquicos. Sempre o primeiro é superior ao se-

gundo. E, quando se trabalha com valores de superioridade e inferioridade, não se pode resgatar a interdependência, afirmar a conexão mútua, ou celebrar a vida em sua complexa teia de relações.

4 Experiências do corpo cósmico

“Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora.” (Rm 8,22)

O corpo humano e sua rede de relações é um reflexo do cosmo, do universo que o cerca e, talvez, seu melhor tradutor. O corpo humano carrega em si as contradições e ambigüidades de seu tempo, as cicatrizes das disparidades sociais e econômicas, o reflexo das liberdades e cerceamentos culturais e políticos. Ele se revela também como um potencial catalisador e transformador. Pode-se dizer, então, que o corpo é um cosmo, e que o cosmo é um corpo. Essa formulação se refere à pesquisa ecofeminista, na qual a noção do cuidado reflete a preocupação pelo bem-estar não só do corpo humano, mas de todos os corpos, inclusive da natureza. O Ecofeminismo afirma a inter-relacionalidade de todos os seres vivos, a interdependência entre o todo e a parte, a complexidade que mantém a vida.

O uso do termo corpo para definir também o cosmo representa uma mudança radical de percepção. A noção de cosmo, como um sistema unitário e bem ordenado, de ordem e harmonia matemática, é ao mesmo tempo ampliada e aproximada à realidade imanente, cotidiana. Definições clássicas de cosmo demonstram isto: “No universo pitagórico, o *Cosmo* vem logo abaixo do *Olimpo*. Em Platão, era um mundo animado, espécie de organismo vivo dotado de alma. No *Timeu*, Platão deduz dessa teoria uma visão da natureza, assim como a visão da fisiologia humana, estabelecendo analogia entre o *Cosmo* e o homem: macrocosmo e microcosmo. O cosmo, ligado por espírito vital, faz parte do neoplatonismo, e esta ideia, acompanhada da imagem do macrocosmo e do microcosmo, dominou a mente medieval. No estado atual dos estudos, o cosmo é imagem mais geral de um sistema de leis, que abrange o mundo ou os mundos ou universos, considerados como um todo organizado.”¹²

Falar do corpo cósmico, portanto, é uma justaposição de palavras tão desafiadora quanto falar do verbo que se faz carne, da palavra que faz acontecer, do universo que está no dia-a-dia, do divino que se faz humano. Na filosofia clássica, o cosmo não é pensado como um elemento vivo em relação de interdependência com todos os outros corpos, humanos ou não. O cosmo é pensado estando acima e além da

realidade material e corpórea. O cosmo era sinônimo do mundo distante, abstrato, ordenado e ideal, o universo dissociado de parcialidade histórica e contextual, em síntese, o mundo “neutro” das ideias. O corpo, por outro lado, seguindo a mentalidade dualista, foi reduzido ao mundo material, animal e carnal.

As consequências deste dualismo sobre o corpo já foram apontadas. Até mesmo o ser humano moderno encara o corpo com ambiguidade. Por um lado, há uma valorização excessiva e hedonista do corpo. Por outro lado, há um descuido com o bem-estar do corpo, especialmente o corpo alheio. A não inclusão da corporeidade – aqui definida como o corpo humano e sua rede de relações – representou a fragmentação do corpo. Mas quais foram as consequências para o cosmo? Também ele foi fragmentado, mesmo que tenha sido definido como o mundo ordenado e regido por leis superiores. Ao representar um estado superior, elevado, distante de tudo que pode ser tocado, cheirado, visto, ouvido, degustado, o cosmo passou da desvalorização do corpo à sua total negação. O que importava era o espiritual, não o corporal. Esta fragmentação representou, na concepção cristã, uma preocupação quase que exclusiva pela salvação de almas, sem se preocupar com os corpos. O que seria da fé cristã, hoje, se o Cristianismo tivesse se preocupado mais em salvar corpos do que em salvar almas? Certamente nossa espiritualidade e nossa prática seriam totalmente diferentes.

As experiências do corpo cósmico podem ser descritas como as experiências de uma espiritualidade encarnada, de uma mística do cotidiano, daquele reconhecimento da relação de todas as coisas entre si, da interdependência de todos os elementos, da energia vital que pulsa em todas as coisas, inclusive em nós, da percepção da divindade em toda a criação, do Deus presente em tudo. É resgate do Deus encarnado, do Jesus da história, do espírito que sopra onde quer e quando quer. Esta espiritualidade, que diz ser o cosmo um corpo e cada corpo um cosmo, impulsiona um novo jeito de pensar acerca de nós mesmas/os: com muito mais humildade, com mais leveza, mais preocupação pelo bem-estar de quem e do que nos cerca. Enfim, um resgate do *shalom*.

Em tempos pós-iluministas, a superioridade da alma foi substituída pela superioridade da mente, onde a existência se mede pela capacidade de pensar, estabelecida pela lógica cartesiana (penso, logo existo). Mas esta lógica está distante da afetividade e da espiritualidade. Por outro lado, percebe-se também uma preocupação excessiva com um modelo específico de corpo, marcado pela aparência e pela sua utilidade (o corpo-máquina) e não pelo seu bem-estar e conforto. Esta tendência se percebe, atualmente, na ditadura da mídia que estabelece

modas, costumes, estilos e impõe uma forma física de acordo com a qual os corpos devem se moldar para serem belos. A sociedade consumista cultua o corpo, mas como objeto. Neste modelo, o corpo é valorizado, mas está igualmente distante da afetividade e da espiritualidade. Como fomentar uma espiritualidade lúcida?

5 O cuidado como proposta

Em um primeiro momento, o feminismo buscou a equiparação dos direitos das mulheres aos dos homens, partindo de sua experiência de opressão e movimentos de libertação, almejando relações humanas mais paritárias. A Teologia Feminista reconheceu a complexidade da experiência das mulheres a partir da realidade de classes, cultura, raça ou etnia, religião, orientação sexual, etc., e está propondo resgatar a complexidade desta realidade a fim de, apontar para caminhos éticos, de mudanças de comportamentos e de posturas, que sejam condizentes à própria mensagem da Bíblia.

Dentro da teoria e da Teologia Feminista resgatou-se o trabalho de Michel Foucault sobre o poder (como rede produtiva que atravessa todo o corpo social). O poder não só reprime, castiga e impõe, mas ele também forma saber e produz um discurso de legitimidade que o torna inquestionável. A partir de uma compreensão feminista, o poder tem três dimensões distintas. A primeira é a definição de poder como capacidade de exercer controle (para tal é necessário vigiar e punir). É o poder como sinônimo de domínio, hierarquia, subserviência. No entanto, também neste tipo de relação, as pessoas não estão destituídas de poder. A segunda definição é a de poder como capacidade, qualificação, empoderamento. Na concepção bíblica poder-se-ia utilizar o termo talento, carisma ou dom. Trata-se de reconhecer a capacidade de cada pessoa de ser um agente transformador. A terceira definição, a mais importante, é a de poder compartilhado, o poder experimentado junto com as demais pessoas, onde a fraqueza é superada pela força da coletividade. Apesar de ter sido amplamente promulgada na igreja primitiva, foi facilmente esquecida.

Uma abordagem ecofeminista da Bíblia poderia afirmar a rede de relacionamentos (entre seres humanos, entre estes e a criação, e de ambas com seu Criador). Uma visão bíblica do Ecofeminismo, em contrapartida, poderia apontar para uma proposta de poder compartilhado, utilizando-se dos valores promulgados no movimento de Jesus, por ele mesmo, em seu ministério, ou na comunidade primitiva. O objetivo é sanar, sustentar, guiar e reconciliar a criação, que geme em dores. A partir de

uma perspectiva ecofeminista, esta leitura ajudaria a resistir, empoderar, nutrir e libertar quem dela participa. Para fomentar resistência é necessário nomear e contestar a violência, relacionamentos abusivos que perpetuam sofrimento desnecessário, falsos estereótipos que distorcem a realidade. Empoderar é ajudar as pessoas a descobrirem o potencial que está nelas mesmas, com recursos e meios para revestir-se de autoridade, voz e poder. Nutrir não é uma mera empatia ou apoio tácito às pessoas em dificuldade, à natureza que precisa de proteção, mas a proclamação do amor que tem espaço para transformação e mudanças e que cria redes de solidariedade entre seres vulneráveis. Libertar é questionar a existência de sistemas que discriminam e excluem, ajudando as pessoas a se livrarem de suas armadilhas para tornarem-se o povo redimido e amado de Deus. Resistir, empoderar, nutrir e libertar formam a desconstrução de definições limitadas da realidade e a reconstrução de novas maneiras de ver o mundo e as possibilidades que nele se apresentam. Representam pistas para uma espiritualidade lúcida.

Notas

- 1 Esta história, não publicada, foi escrita por Lucy Tatman em 1989.
- 2 Rosemary Radford Ruether, *Sexismo e religião*, São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1993, p. 18.
- 3 No Brasil, uma em cada 139 mulheres morre devido ao parto e aborto sem assistência. No Paraguai, o número é de 1 em cada 64 mulheres. O menor índice se encontra em Cuba: uma em cada 1.286 mulheres.
- 4 O termo kyriarcal é um neologismo criado por Elisabeth Schuessler Fiorenza para explicar uma sociedade que é ao mesmo tempo patriarcal, ou machista, militarista, racista, capitalista e totalmente antidemocrática. Tem sua origem no termo grego Senhor (kyrios).
- 5 Gn 3,16: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos de tua gravidez; em meio a dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”.
- 6 Peter Brown, *Corpo e Sociedade: O Homem, a Mulher e a Renúncia Sexual no Início do Cristianismo*, Rio de Janeiro: Zahar, 1990, 36ss.
- 7 Rosiska Darcy de Oliveira, *Elogio da diferença*, São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 103.
- 8 As referências aos Pais da Igreja, como aqui apresentadas, são melhor debatidas em uma publicação recente. Wanda Deifelt, O corpo e o cosmo. In: Marcia Tiburi, et alii. *As mulheres e a Filosofia*, São Leopoldo: Unisinos, 2002, p. 255-270.
- 9 Wanda Deifelt, Más que la maternidad. *Signos de vida*, Quito, Equador, n. 12, junho 1999, p. 2-6.
- 10 Lisa Isherwood e Elisabeth Stuart, *Introducing body theology*, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 8-13.
- 11 Heinrich Kramer e James Sprenger, *O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum*, 9. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 116.
- 12 Órris Soares, *Dicionário de Filosofia*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952, v. 1, p. 259.

O que a Bíblia tem a ver com a Ecologia, e o que a Ecologia tem a ver com a Bíblia

Carlos Mesters

Introdução

São sete pontos que colhi das reflexões que foram feitas durante os dias da Assembleia sobre Bíblia e Ecologia. Os três primeiros formam a raiz. O quarto e o quinto são o tronco. O sexto e o sétimo formam as folhas e o fruto.

I - A raiz

1 Defesa da vida

A vida corre perigo por muitos motivos que vêm da desintegração ecológica. Basta verificar o que acontece no mundo para perceber que a falta de cuidado com a preservação do meio ambiente coloca em risco a vida de muitos. Os movimentos ecológicos procuram preservar o equilíbrio desfeito da natureza para que a vida possa ser preservada.

A Bíblia, de ponta a ponta, tem a preocupação de revelar o Deus da vida e de inculcar no povo de Deus um respeito maior pela vida. Fidelidade à Bíblia e ao Deus da vida, revelada pela Bíblia, implica ler e interpretar a Bíblia em defesa da vida ameaçada e não em defesa de instituições ou de confissões.

A leitura fiel da Bíblia deveria motivar-nos a lutar mais em defesa da vida e a engajar-nos num compromisso mais sério em defesa do equilíbrio da natureza que está sendo ameaçada.

2 Combate dos ídolos

Hoje, a organização do mundo dentro do sistema neoliberal criou um ídolo que não se questiona e diante do qual se sacrifica a vida e em defesa do qual se desintegra a natureza, destruindo rios, plantas, animais, florestas, mares. Este ídolo é o lucro, necessário para o sistema poder funcionar.

Na Bíblia, do começo ao fim, o que mais se combate é o ídolo, o falso deus, que impede o acesso do ser humano ao Deus vivo e verdadeiro e que legitimava o domínio do rei sobre a vida e as consciências das pessoas e dos povos. Quem luta pela ecologia, combatendo o ídolo do lucro, está sendo bíblico, mesmo que talvez nem saiba que a Bíblia exista. Há muita gente que nada sabe da Bíblia, mas cuja vida é bíblica, pois faz o que a Bíblia pede.

Vale a pena aprofundar mais a luta dos profetas contra os ídolos e traçar um paralelo com a luta ecológica de hoje em defesa da vida. Este estudo poderia dar uma motivação mais profunda e mais consistente.

3 Desfazer a interpretação errada

Na raiz da depredação da natureza está uma interpretação errada da Bíblia. No livro de Gênesis está a ordem de Deus: “Dominai a terra e submetei-a!”. E durante séculos, nós nos comportamos como se o ser humano fosse o centro e o dono de tudo e como se tivéssemos a liberdade, recebida de Deus, para fazer o que bem quiséssemos com a natureza.

Esta visão errada deve ser combatida e refutada por uma interpretação correta, baseada numa exegese científica que denuncia, em nome da Bíblia, o domínio depredatório e a visão demasiadamente antropocêntrica e machista da interpretação anterior que legitimava o domínio.

É significativo o gesto do índio do Peru que devolveu a Bíblia ao Papa dizendo: “Leve de volta este livro, porque ele é a causa do nosso extermínio!”. De fato, legitimada pelo livro de Josué e dos Juízes, foi feita a invasão das Américas. Legitimada pela Bíblia, foi realizada a política do *Apartheid* na África do Sul.

II - O tronco

4 Concepção holística da vida

A ótica ecológica da vida está fazendo com que, aos poucos, se comece a perceber que no universo inteiro tudo está interligado como as malhas de uma grande rede. A parte depende do todo, e o todo das partes, desde o micro, as partículas subatômicas, até o macro das constelações interplanetárias.

Esta concepção nova ajuda a entender o que a Bíblia propõe quando diz que o ideal supremo da vida é a Paz, *Shalom*. Esta paz significa a integração de todas as coisas em torno do seu centro. Ou quando diz,

de maneira simples e concreta, que o ideal é que cada um e cada uma possa sentar debaixo da sua figueira, na sua terra.

5 Nova visão de Deus e da vida

A ecologia, quando aprofundada em todas as suas dimensões, macro e micro, faz perceber e experimentar uma nova visão de Deus e da vida, menos antropocêntrica, menos todo-poderosa, e mais humilde e despretensiosa.

É muito importante que esta nova visão de Deus e da vida seja a nova ótica a partir da qual se comece a ler e a interpretar a Bíblia. Vai mudar tudo, sem mudar uma vírgula sequer!

Numa roda de amigos alguém mostrou uma fotografia, onde se via um homem de rosto severo, com o dedo levantado, quase agredindo o público. Todos ficaram com a ideia de se tratar de uma pessoa inflexível, antipática, que não permitia intimidade. Neste momento, chegou um rapaz, viu a fotografia e exclamou: “É meu pai!”. Os outros olharam para ele e, apontando a fotografia, comentaram: “Pai severo, hein!”. Ele respondeu: “Não! Não é não! Meu pai é advogado. Esta foto foi tirada no tribunal, na hora em que ele denunciava o crime de um latifundiário que queria despejar uma família pobre que estava morando num terreno baldio da prefeitura há vários anos! Meu pai ganhou a causa. Os pobres não foram despejados!”. Todos olharam de novo a foto e disseram: “Que fotografia simpática!”. Como por um milagre, ela se iluminou e tomou um outro aspecto. As palavras do filho, mudaram tudo, sem mudar nada!

Está em andamento hoje, a partir da preocupação ecológica e ecofeminista, uma nova experiência de Deus e da vida que muda tudo, pois relê tudo a partir de uma nova ótica que permite “desconstruir” e “reconstruir”.

III - As folhas e os frutos

6 A natureza nos livros do Antigo e Novo Testamento

Assim como estudamos e apreciamos a visão profundamente ecológica que os nossos índios têm da vida e da natureza, visão equilibrada e de integração, assim vale a pena verificar e aprofundar como, na evolução histórica do povo da Bíblia, foi crescendo a visão que tinham da natureza.

Exemplos concretos: 1) A preocupação com as leis da pureza, que no tempo de Jesus causava um desequilíbrio tão grande na convi-

vência social e religiosa, tem na sua origem uma visão integradora e holística da vida humana com relação à natureza, mas que se perdeu, ao longo dos séculos, por causa da interpretação fundamentalista e literalista das leis. 2) Na Bíblia, tudo o que acontece com o ser humano repercute na natureza: rios, montanhas, vento, plantas, animais parecem existir em uma unidade com o ser humano. Isso aparece com força, por exemplo, no livro de Jeremias. 3) Vale a pena examinar a desmitização progressiva das forças ameaçadoras da natureza que causavam desequilíbrio na vida e que, na história do povo da Bíblia, foi sendo desmitizada aos poucos a partir de uma nova experiência de Deus e da vida.

Há tantos livros e passagens na Bíblia, onde se descreve a natureza em sua beleza: Salmos, livro de Sabedoria, livro de Jó. Estes livros revelam uma visão integrada do ser humano com o seu meio ambiente.

7 Dimensão mística

A busca de espiritualidade, hoje, é muito grande. A Bíblia ensina como olhar a natureza como revelação de Deus e da sua presença no meio de nós. Ela ajuda a tirar o raio-X, revelando pela fé o que a olho nu não se vê.

Santo Agostinho o formulou da seguinte maneira: a leitura orante e comunitária nos devolve o olhar da contemplação, ajuda a decifrar o mundo e a fazer do mundo novamente uma teofania, uma revelação de Deus.

Tudo o que existe, a natureza, as plantas, as estrelas, as pessoas, tudo é expressão de uma palavra que Deus falou. Para quem tem esta visão de Deus e da natureza, torna-se muito significativa a palavra da Bíblia que diz: “A tua presença irrompe por toda a terra. O dia entrega a mensagem ao outro dia. Tudo está cheio da presença amiga de Deus. E um amigo não pode ser comercializado”. É o que, em última análise, motiva a luta ecológica.

Em busca de uma espiritualidade ecumênica e ecológica

Marcelo Barros

A Bíblia critica este mundo. Ela tem uma dimensão profundamente profética. Diz que o mundo como está não pode continuar assim, é inviável. E nos dá critérios para a gente criticá-lo. Há uma espiritualidade bíblica que anuncia o Reino e contesta todas as estruturas do mundo e a forma como ele está organizado. Diante do Reino, tudo o que existe é relativo e as estruturas do mundo ficam caducas. Imaginemos isso, no momento atual, com relação à água, à vida, à poluição atmosférica. Agora, essa consciência é um problema da sociedade ocidental.

A Ecologia é hoje um problema no mundo inteiro, um cuidado que deve ser desenvolvido com todo o universo, mas esta consciência foi aprimorada a partir de uma realidade provocada pelo Ocidente. Aqui, por exemplo, na América Latina, as estruturas indígenas e negras sempre tiveram uma relação muito natural, profunda, afetuosa e religiosa com o universo, com a natureza. As religiões orientais sempre viram o sagrado em cada elemento da vida, na terra, na água, em cada ponto.

Então, para aprofundarmos uma espiritualidade ecumênica e, ao mesmo tempo, ecológica, uma coisa importante é estar disposto/a a aprender dessas culturas e dessas religiões essa sabedoria de comunhão que elas têm. Como a gente pode fazer isso de forma que a gente seja gente? Não vou virar agora um budista, não vou me transformar em índio... Mas devo abrir o coração para aprender com eles.

É um caminho espiritual. Por exemplo, na minha vida, sou muito agitado, mesmo arrogante por conta do meu jeito de ser. Mas tenho que aprender da Bíblia essa humildade, esta pobreza, esse fato de que a Bíblia começa contando que todo mundo é criação de Deus, saindo das mãos amorosas de Deus. Existe até um mito judaico muito bonito que conta que Deus teve uma dor de parto. Interpreta o Gênesis dessa maneira. É o mito da cabala, de um rabino chamado Lurian. Deus sofreu uma dor de parto e na contração o universo nasceu. De certa maneira, Deus se diminuiu para que a gente seja, para que o universo exista. E

essa humildade de Deus, essa humildade feminina, maternal, é proposta à gente.

Se, por exemplo, alguém usa a natureza de qualquer maneira, o que ele está fazendo? Ele está se mostrando dono de tudo, senhor onipotente. Quando se tem uma atitude diferente, uma atitude de respeito, de perceber o sagrado ali presente, então toma-se uma atitude que a Bíblia nos fez viver, mas que vai nessa dimensão ecumênica, porque se aprende essa relação de veneração, essa relação amorosa das espiritualidades orientais, ou, aqui no caso concreto da América Latina, no meu caso, por exemplo, da espiritualidade afro-brasileira.

As pessoas acham que falar de ecumenismo é tratar da relação entre as Igrejas. Há agora o macroecumenismo ou o ecumenismo inter-religioso que aborda as relações entre as religiões, como o Cristianismo, Budismo, as Religiões Afro-Brasileiras, os cultos indígenas, etc. Mas a palavra correta para nossa relação de pertença à comunhão universal é “ecumenicidade”. Trata-se de uma dimensão que deve permear a tudo. Significa que o mesmo amor, o mesmo carinho, a mesma atitude de escuta, de valorização do outro, diferente de mim, vale para o diálogo ecumênico entre as igrejas, o diálogo com outras religiões, outras culturas e, inclusive, o diálogo entre irmãos e irmãs na mesma comunidade de caminho.

Em geral, esta espiritualidade ecumênico-ecológica se aplica mais a esses caminhos e tradições espirituais mais ligados ao universo. São correntes que nos ajudam a compreender o Salmo 19 como forma de contemplar a presença divina no universo e fazer uma espécie de ruptura com a mentalidade do mundo dominante, através da Palavra de Deus. Um modo de viver essa profecia, essa atitude de comunhão, é pertencer a uma comunidade, que é mais do que uma simples associação de pessoas. É corpo. Paulo fala que nós cristãos formamos o corpo de Cristo que de tal maneira capitula tudo em si. Deus é tudo em todos. Isso não é apenas uma imagem. A gente forma mesmo essa unidade vivencial, na qual a gente é um só com tudo o que existe: com as pessoas e com a natureza.

Na América Latina, dom Leônidas Proaño, bispo de Riobamba, no Equador, foi um profeta que trabalhou muito com os índios. Era um homem simples, um índio vivendo com os índios. Ele tinha um eremitério perto de uma montanha nos Andes. Um dia chegou alguém para visitá-lo. Ele levou o amigo para conhecer esta ermida, esta capela na qual ele gostava de orar. Naquela capela não tinha nada, nem imagem, nem altar. Tinha simplesmente uma vidraça enorme dando para a montanha. E ele disse: “É aqui que eu me ajoelho. Diante dessa montanha

eu oro, porque adoro essa montanha". Aí o amigo disse, em tom de brincadeira: "Puxa! Eu pensava que você só adorava a Deus". E ele respondeu: "E tem diferença?".

É uma espiritualidade ecológica contemplar e adorar a presença divina em todo o universo como uma palavra de amor. Emanuel Levinas, pensador judeu, dizia: "A maravilha da criação leva um ser, capaz de receber uma revelação, a aprender que ele é criado e a se colocar em questão: ser para o outro". Em um livro do século II, que os cristãos consideram apócrifo, mas é testemunho da tradição da Igreja antiga, o chamado "Evangelho de Tomé", Jesus diz: "Eu sou a Luz que está acima de toda coisa. Sou o tudo. Tudo saiu de mim e tudo volta a mim. Corta um tronco e eu estou ali. Levanta uma pedra e tu me encontrarás" (logion 77).

Para nós cristãos, que não desligamos a fé e a espiritualidade da realidade social e política, o importante é que esta descoberta espiritual nos anime para uma política que esteja de acordo com essa dimensão sagrada e espiritual de todos os seres do universo.

Meio ambiente e desenvolvimento sustentável

Cláudio Langone

No Rio Grande do Sul, temos feito esforços para trabalhar, em nível governamental, algumas iniciativas quanto à relação entre religião e meio ambiente, um tema de elevada importância. Em conversas com lideranças de várias religiões, alguns projetos foram desenvolvidos. Acredito que essa dimensão é de extrema relevância, já que estamos falando de algumas diretrizes que regem as relações entre a nossa espécie e o ambiente natural. E isso tem muito a ver com o religioso, com o espiritual, porque as grandes mudanças que devemos operar são mudanças de valores éticos e morais.

Rapidamente, cabe uma pequena apresentação. Sou Engenheiro Químico e atuo na área ambiental há um bom tempo. Antes de iniciar o trabalho no governo gaúcho, na Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), em agosto de 1999, atuei na área ambiental da Prefeitura de Porto Alegre, e, também, fui presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE). Estive na área da militância nos tempos da juventude, em nível estudantil, e, desde então, tenho trabalhado em governos. É evidente que minha atuação tem se dado em governos progressistas, enfrentando um pouco desse desafio que defino como “a dor e a magia de ser governo”. O exercício da atividade política exige a percepção de que governar é uma mediação entre o desejo e a possibilidade. Portanto, para atuar em algum governo você tem que ter a dimensão de que há diferenças entre o que você sonha e o que você pode fazer. Esta é “a dor e a magia de ser governo”. E ainda, a magia de ser governo é que essa ação pode transformar a vida das pessoas. Isso me fascina. Logo, a magia se sobrepõe à dor, e temos tido experiências muito interessantes, sobretudo aqui no Rio Grande do Sul.

Parto agora para a discussão sobre a questão ambiental e o desenvolvimento sustentável na escala institucional. Esse é um tema extenso e complexo. Vou procurar apresentar para vocês algumas opiniões e algumas informações sobre o assunto e, sobretudo, trazer infor-

mes a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+10), que se realizou entre 26 de agosto e 4 de setembro de 2002 em Joanesburgo, na África do Sul.

Em primeiro lugar, a civilização ocidental, como foi referido aqui numa exposição anterior, tem uma visão extremamente antropocêntrica, e isso estruturou toda a nossa lógica de desenvolvimento. Já notamos, inclusive, essa influência em civilizações orientais, como a China, que, recentemente, fez os últimos movimentos para construir a maior hidrelétrica do mundo. Aquele país se movimenta hoje em direção a uma visão de desenvolvimento que, felizmente, estamos começando a superar a partir da crise que vivemos no mundo ocidental.

O conceito estruturador de todo um movimento recente, que traz a ideia de que precisamos buscar uma integração mais harmônica e mais equilibrada entre o ser humano e a natureza, é o de desenvolvimento sustentável. Esse conceito é o que se poderia chamar de *worksymbol*, ou seja, é um conceito que une duas ideias, que na origem eram diferentes e antagônicas.

A ideia de desenvolvimento, que vigorava no início da década de 70, quando ocorreu o primeiro grande encontro global sobre temas ecológicos, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Humano, em Estocolmo (Suécia), associava o conceito de progresso à ideia de desenvolvimento econômico, e não considerava a finitude dos bens oriundos do ambiente natural ou do que se chamava comumente de recursos naturais. Isso foi criticado duramente pelos movimentos ecológicos nascentes naquele momento.

Atualmente, temos dois conceitos de desenvolvimento: um que trabalha com uma noção de linearidade, com processos retilíneos; e outro que trata da sustentabilidade, que trabalha com a circularidade, com a reciclagem. Aplicando isso em uma crítica do modelo da Revolução Industrial, observamos na época uma ideia de que bastava retirar da natureza as matérias-primas, transformar em insumos, transformar em produtos, utilizar e descartar, num fluxo retilíneo. E temos, em contrapartida, a ideia da sustentabilidade, resgatando, até certo ponto, o fluxo dos ecossistemas naturais, em que praticamente tudo se aproveita, se transforma e se reprocessa. O desenvolvimento desse conceito de sustentabilidade começou circunscrito a alguns grupos sociais, mas foi ganhando uma dimensão universal importante nas últimas décadas.

É fundamental pensar em um modelo de desenvolvimento que satisfaça às reais necessidades humanas e que traga o que me parece o conceito mais importante, que é o do compromisso da ética intergeracional, que propõe a tomada de decisões considerando o que vai

acontecer para nossa geração e para as futuras gerações. E essa noção de sustentabilidade não é nova para muitos povos em todo o mundo. Isso é uma ideia presente em nações indígenas, por exemplo, que, antes de tomarem uma decisão, olham para várias gerações passadas e várias gerações futuras. Logo, não há muita novidade nesse processo. É a recuperação, a construção e o desenvolvimento de um conceito que fez uma crítica muito dura ao modelo hegemônico que vinha sendo desenvolvido e que, aos poucos, vai se universalizando e ganhando os diferentes grupos sociais, até chegar a Rio92, quando vivíamos um momento muito importante.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio92), na cidade do Rio de Janeiro, em 1992, do ponto de vista do contexto mundial, teve dimensão política muito importante, porque reuniu cerca de 180 chefes de Estado, resgatou para o cenário mundial a importância da discussão ecológica e trouxe ainda a dimensão de que a questão da sustentabilidade não deve incidir apenas sobre uma lógica de agenda ambiental, de agenda verde, mas deve recair, como um elemento transversal na discussão, sobre todas as nossas estratégias de desenvolvimento.

O que tínhamos em 1992? Primeiro, uma crise ambiental extremamente grave e muito daquela visão catastrófica de que, se a gente não fizer nada, a Terra vai se acabar, visão com a qual não concordo muito (e não concordava na época). Tínhamos ainda, naquele ano, uma globalização ainda incipiente, um dos pilares do processo neoliberal. Aqui no Brasil, Fernando Collor era presidente, e na Rio92 aquele conceito de “fim da história” foi altamente alardeado. Os grandes elementos do principado neoliberal eram apontados como o grande caminho de saída, de superação dos problemas da humanidade. Collor foi varrido do poder por mobilização popular, e Francis Fukuyama desapareceu e nunca mais se ouviu falar nesse cidadão que pregava o “fim da história”. As grandes experiências, as grandes cobaias do modelo neoliberal sucumbiam e sucumbem, como no caso da Argentina.

A Rio92 foi um evento com grande força política. Pela primeira vez se conformava um esforço paralelo de articulação da sociedade civil, e esse foi um momento extremamente significativo na conformação disso que hoje chamamos de Terceiro Setor, que quebra um pouco daquela lógica em que os principais atores sociais estavam localizados no empresariado e nos sindicatos, na contradição da relação capital x trabalho. Assim, temos o início de uma outra dimensão da mobilização civil, de atores sociais. Isso iria conformar, a partir de uma profunda modificação do chamado grupo do trabalho, com uma modificação da

escala dos atores que traz para o Terceiro Setor uma importância cada vez maior, mais diversificada e que diminui o papel dos sindicatos tradicionais, e isso se equilibra com os partidos políticos na condição de protagonismo político no nível social.

O encontro no Rio teve como resultado final uma grande agenda orientadora de ações, que tem conceitos importantes que apontavam, por meio da Agenda 21, que precisávamos implementar ações em nível global no sentido de construir e alcançar um modelo de desenvolvimento sustentável. E não podemos esquecer os dois grandes princípios estruturantes da Rio92: o princípio da precaução, que diz que, na dúvida, no desconhecimento sobre os impactos de novas tecnologias, devemos optar pela saída mais cautelosa; e o princípio das responsabilidades comuns, mas diferenciadas, que traduz a grande desigualdade nas responsabilidades sobre a implementação da agenda de desenvolvimento sustentável. Portanto, esse último princípio estabelecia compromissos diferenciados sobre o acordo das mudanças climáticas, por exemplo, e estabelecia um compromisso dos países ricos de aumentar o repasse do seu PIB de 0,27% para 0,7% num determinado período.

Podemos citar como uma mudança nestes 10 anos desde 1992 o aumento da consciência média da sociedade civil global em relação aos temas ecológicos. A questão ambiental deixou de ser uma demanda circunscrita aos grupos ecológicos e passou a ser um conceito universal que dialoga com outras áreas do conhecimento. E isso é muito importante, porque a ecologia, como linha de pensamento, é muito recente em nosso imaginário. Creio ainda que houve mudança significativa quanto à institucionalização da questão ambiental por parte dos governos, em todos os níveis. Um dos elementos positivos, dos poucos que se pode falar da globalização, é uma espécie de “internacionalização” da sociedade civil, a constituição de uma sociedade civil planetária e a possibilidade de que essa sociedade possa se articular em torno de temas de interesse comum que ganharam importância ampliada a partir do fim da Guerra Fria, já que esse fato permitiu a articulação das redes mundiais para troca de informações. E aí a internet tem um papel fundamental, porque traz a possibilidade de articulação de lutas comuns e conforma alianças que antes estavam restritas aos governos nacionais.

A maioria dos acordos firmados a partir da Rio92 encontrou sérios problemas para sua implementação. O mais emblemático desses impasses é o do Protocolo de Quioto. Isso porque o texto discute como reduzir os índices de emissão de gás carbônico gerados pela queima de

combustíveis fósseis (petróleo e seus derivados, carvão etc.), sobretudo nos países desenvolvidos, do chamado Anexo 1 (do Protocolo), que são aqueles que mais contribuem com as emissões de CO₂, portanto, para o aquecimento global. Embora observemos no último período evidências científicas irrefutáveis sobre a ampliação do efeito estufa, o cenário mundial aponta para um grande impasse em torno da regulamentação das metas de Quioto, agravado com a chegada de George W. Bush ao governo dos Estados Unidos. Tanto ele como outros membros do alto escalão do governo norte-americano têm ligações com empresas produtoras/distribuidoras/consumidoras de petróleo. Isso mostra que temos grandes impasses globais para que se pense numa agenda mundial de ações concretas em torno do desenvolvimento sustentável.

Um desses problemas é o da má distribuição das riquezas produzidas, da renda. Temos, no mundo, riqueza suficiente para todos, temos condições, temos capacidade para produzir alimentos e saciar a fome de toda a população do planeta. No entanto, temos agora mais famintos do que era registrado em 1992, temos mais miséria do que tínhamos há 10 anos. A ideia (falsa) de que poderíamos gerar um volume de riquezas maior do que temos disponível atualmente em nível planetário vai contra a dimensão do desenvolvimento sustentável, porque sabemos que a Terra não tem capacidade para suportar isso. Portanto, o tema da distribuição da riqueza, na relação entre os países ricos e pobres e na relação interna dos países, é um elemento fundamental. É um dos nós que precisamos desatar para que se pense na questão do desenvolvimento sustentável.

E a sustentabilidade tem várias dimensões, como, por exemplo, o tema da energia. Devemos apostar em energias renováveis, e a questão da pobreza tem relação direta com essa dimensão. Os povos que não têm acesso às formas “modernas” de energia pressionam as florestas, porque a única fonte disponível de energia é a lenha, e a lenha sai da floresta, muitas vezes, de forma insustentável. Outro exemplo é um princípio estruturante da Agenda 21: a questão das mudanças dos padrões de produção e de consumo. Sabemos que, se pensássemos em expandir o padrão de produção e de consumo dos cidadãos dos países ricos a todo o Planeta, precisaríamos de duas Terras e meia. Isso está comprovado cientificamente.

Observando isso, concluímos que não há outro caminho a seguir. Mudanças nos padrões de consumo e de produção significam alterações de valores, significam que alguém ganha e que alguém perde. Não é possível falar em combater a pobreza se não houver combate à acumulação desmedida de riqueza. Esse foi um dos grandes problemas, uma

das grandes questões discutidas em 2000. Creio que isso está ligado a duas outras questões que não eram marcas ainda em 1992, e que agora o são.

Primeiro: o processo de globalização é uma realidade inexorável, que se dá em várias dimensões, mas se dá, sobretudo, a partir da dimensão e da ótica do mercado. O fluxo de insumos, de matérias-primas e de produtos é muito grande e é preciso pensar em mecanismos globais que regulem essas relações, já que isso tem impactos significativos e tem papel importante na definição dos destinos do planeta. Isso é um elemento preocupante, porque, ao invés de termos avanços nos mecanismos de regulação das relações globais, temos retrocessos. O que vemos claramente é uma redução, por exemplo, dos poderes das organizações ligadas à ONU (Organização das Nações Unidas) em detrimento do aumento do poder da OMC (Organização Mundial do Comércio). O negócio se sobrepõe às demais questões, e esse foi um dos grandes impasses da Rio+10.

Segundo: temos um mundo que se urbaniza de maneira muito acelerada e desordenada, e esse processo traz agregação de pobreza às cidades, já que os pobres que migram para os centros urbanos ocupam áreas de entorno, mangues e áreas alagadiças ou ainda encostas de morros e de montanhas. Esses locais são em geral áreas “informais” nas cidades, áreas importantes do ponto de vista da preservação ambiental, onde não se tem capacidade de colocação de infraestrutura e que conformam hoje, na maior parte dos países do chamado Terceiro Mundo, duas cidades: a cidade real, que é a cidade que está no Plano Diretor, que tem os serviços, e a cidade informal, sobre a qual os governos não incidem e na qual, em muitos casos, como no Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, se tem o que alguns chamam de “Estado paralelo”.

Então, esse processo de urbanização do planeta é importante, porque nos leva a considerar que grande parte dos problemas ambientais que se aproximam têm relação com os problemas urbanos, e todos sabemos que os problemas como o da poluição, da falta de saneamento, da falta de água tratada, são questões que atingem de maneira desigual os diferentes grupos sociais. Pobres, velhos e crianças sofrem mais com esses problemas.

Assim, um dos grandes temas emergentes na discussão ambiental, mesmo em nível internacional, é o da justiça ambiental, ou seja, como promover mecanismos de regulação que diminuam as profundas desigualdades que os diferentes grupos sociais têm no acesso aos bens naturais. A água, por sua vez, é o mais emblemático de todos. O nível de desigualdade das pessoas no acesso à água, se nós considerarmos

que esse recurso é um bem público e que todos temos o mesmo direito sobre ele, é brutal. A criação de mecanismos que permitam ao Estado arbitrar e estabelecer mecanismos que democratizem o acesso aos recursos naturais é muito importante, sobretudo nos países pobres. Logo, é preocupante o fato de que o mercado passe a ideia de que a água é a grande *commodity* (item que tem seu preço regulado pelas bolsas internacionais) do Século XXI.

Chegamos em Joanesburgo, para a Rio+10, com um processo muito grave de impasse em torno de alguns grandes tratados internacionais, sobretudo o Protocolo de Quioto, que demonstra uma resistência orgânica dos países desenvolvidos em abrir mão e renunciar ao seu modo de vida, aos seus padrões de produção e de consumo para que se possam estabelecer mecanismos que, na realidade, são de distribuição de riqueza. Isso porque, se um cidadão americano contribui mil vezes mais que um cidadão africano para o aquecimento global, nós não podemos tratar, no mesmo nível, a responsabilidade de cada um em relação a esse problema. E não adianta ter mecanismos de enfrentamento das emissões de CO₂ na África se nos Estados Unidos não houver.

Essa divergência é um impasse real, e se agrava muito, a partir da chegada de George W. Bush ao poder, à presidência dos Estados Unidos. Creio que os atentados de 11 de setembro bloquearam ainda mais algumas iniciativas positivas na área ambiental. Vejam que houve três grandes conferências das Nações Unidas após o episódio dos atentados: a Conferência de Hamburgo, contra o racismo, foi fracassada, com a ausência de países importantes; depois, a cúpula contra a fome, em Veneza, onde o único país rico presente foi a Itália; e, por fim, Joanesburgo.

Qual era, então, a grande expectativa para a Rio+10? Era a chamada agenda de implementação, a ideia de que em Joanesburgo os governos iam tirar o conceito de desenvolvimento sustentável do papel e saíam de lá com o compromisso de implementação das iniciativas relativas ao tema. E dentro desse contexto, a Cúpula de Joanesburgo foi um grande fracasso. Acredito que a Rio+10 teve duas derrotas principais: a primeira foi política, já que a conferência se encerrou com um nível de generalidade nas suas deliberações, que não nos permite dizer que se teve algum resultado concreto. Como exemplo, observemos o tema água. A meta é de, em 15 anos, reduzir pela metade as pessoas que não têm acesso à água tratada no mundo. É uma meta sem nenhum mecanismo de amarração com os governos nacionais, como tem, por exemplo, o Protocolo de Quioto, que precisa ser ratificado nos congressos nacionais dos países.

Observando os resultados da Rio+10 de forma geral, mesmo que se tenham mantido alguns princípios reguladores da Rio92, como o da precaução e o das responsabilidades comuns, mas diferenciadas, que sofreram risco dentro da Conferência, o nível de detalhamento das resoluções é muito pequeno. São estabelecidas metas genéricas, em geral de caráter voluntário e de alcance regional. E mais do que isso, o documento final da Conferência de Joanesburgo cita muitas e muitas vezes a OMC. Isso é um fato tão escandaloso que nos leva a propor o seguinte: da próxima vez não é preciso fazer uma Conferência das Nações Unidas para discutir esses temas, basta uma reunião da OMC. Se toda a lógica dos grandes acordos internacionais tem que estar subordinada à dinâmica do comércio internacional, então não há sentido em gastar recursos e energia em um evento da ONU. Esse fato torna evidente que a primeira derrota de Joanesburgo, a política, é uma derrota do sistema das Nações Unidas. Nós precisamos, e o Brasil tem importância grande nesse processo, lutar para que se mantenham e se fortaleçam os mecanismos de regulação nas relações internacionais, que a ONU tenha poder de arbitragem nas relações internacionais, sob pena de que se tenha o deslocamento desse poder para o mercado. Acredito que a ONU saiu completamente desmoralizada da Rio+10 para cobrar qualquer coisa. Se terminamos uma conferência, que envolveu 60 mil pessoas, e o secretário-geral da ONU diz “Bem, eu vou continuar cobrando dos países a implementação. Não foi tão mal assim!”, é porque o processo na verdade está muito mal, e a Organização está sentindo que perde apoio a cada momento. A ONU está perdendo a briga com as forças de mercado. Assim, é preciso haver uma mobilização na sociedade civil planetária para que isso seja revertido, e o Brasil tem um papel muito importante nisso.

A segunda derrota foi uma derrota de formato: essas conferências da ONU, sobre as quais se tem grande expectativa e onde a sociedade civil aprendeu a se “acoplar” de forma meio tradicional, estão ultrapassadas. Talvez a Rio+10 tenha sido o último desses grandes encontros. É preciso repensar esse formato.

Existe ainda um fato que poucos vislumbravam e do qual quase não se fala. Se é verdade que havia um pessimismo generalizado sobre os resultados oficiais, também é verdade que todo o mundo esperava o seguinte: se haverá 50 mil pessoas num fórum paralelo, organizado pela sociedade civil, algum efeito se poderá ter. No entanto, em Joanesburgo, o Fórum Global foi um fracasso, praticamente não existiu como evento organizado e formador de opinião. Isso se pode tentar explicar com alguns fatos: Primeiro ao contrário do Rio de Janeiro, onde o Fórum Glo-

bal era no Flamengo, no centro da cidade (a conferência oficial ocorreu no Rio-Centro, em local próximo), em Joanesburgo, foi o contrário: o governo da África do Sul posicionou o evento da sociedade civil a 60 quilômetros de distância, exigindo horas de deslocamento diário. Segundo: a sociedade civil sul-africana, que deveria sustentar a organização do processo do Fórum Global localmente, revelou um nível de divisão muito grande. Há uma imaturidade na sociedade civil e nos movimentos sociais da África do Sul. Pude acompanhar diretamente isso, porque participei de todos os encontros internacionais um ano antes da Rio+10, que foram preparando a Conferência e, na última reunião, na Indonésia, ainda se fez um último esforço para se tentar reverter esse quadro. O grau de divisão das entidades populares na África do Sul era tamanho que eles não conseguiram instalar uma reunião em que estivessem, por exemplo, lideranças do movimento ambientalista e do movimento sindical. Isso foi decisivo para dismantelar o processo de organização da sociedade civil planetária na Rio+10. A crise ambiental deve se aprofundar com a manutenção desse modelo de desenvolvimento. Torna-se necessário que se façam movimentos que articulem governos mais progressistas e a sociedade civil, para elevar a pressão em torno da necessidade de uma agenda de desenvolvimento realmente sustentável. E um espaço importante, para uma remobilização da sociedade civil, será o Fórum Social Mundial, como citarei adiante.

Já me encaminhando para o fim da exposição, gostaria de falar sobre a dimensão do Brasil e como eu acho que o país, nesse novo contexto político global, deve se posicionar. Acho que o Brasil já tinha, e com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, tem ainda muito mais um papel de potencial liderança nas discussões internacionais, principalmente naquelas que dizem respeito aos temas de sustentabilidade e ecologia geral, porque não é possível pensar uma estratégia de desenvolvimento para o Brasil que não tenha como centralidade a ideia de sustentabilidade ambiental.

O Brasil é a maior potência mundial da biodiversidade. O país foi sede da Rio92, e levou várias propostas importantes para a Rio+10, que, infelizmente, foram derrotadas. Na minha avaliação, o Brasil teve mais um problema político, que foi uma discrepância entre as propostas apresentadas e o discurso de Fernando Henrique Cardoso. Eu acredito que o presidente “domesticou” o discurso da Conferência. Houve grande frustração em torno de seu discurso, porque ele estava negociando sua ida para uma comissão da ONU, o que, por fim, acabou se concretizando.

Existe ainda um elemento importante para se discutir: a configuração das negociações internacionais atual mostra que a ONU está na

mesa, presidindo, de um lado, o G-77 (que reúne os países em desenvolvimento), e, do outro lado, está o G-8, que reúne os países ricos. Então, temos um texto e eles o vão repassando entre si e realizam consultas mútuas. Todas as divergências são colocadas entre colchetes, e essa é a dinâmica das conferências internacionais. Quando chegamos a Joanesburgo, trechos fundamentais do texto para a Conferência estavam entre colchetes. E tudo o que está entre colchetes vai para a chamada negociação de bastidores.

O problema, então, é que o Brasil apostou demasiadamente nesta polarização entre G-77 e G-8, quando deveria ter trabalhado mais a ideia de que o mundo hoje tem relações multipolares, e que essa contradição entre países pobres e nações ricas não resolve qualquer problema, porque as principais derrotas que o Brasil teve nas suas propostas não foram suas na relação com os países ricos, mas sim dentro do próprio G-77, porque esse grupo engloba países árabes, e esses não queriam nem ouvir qualquer coisa que dissesse respeito a energias renováveis.

Penso que o Brasil deveria ter uma estratégia de apostar na formação de blocos com outros países em torno de temas de interesse comum. Isso poderia se perfilar com os Estados Unidos em algum tema como da proteção à Amazônia, por exemplo, mesmo com algumas divergências. Poderia ser com a União Europeia e com a China e com a Índia para isolar os americanos na questão do Protocolo de Quioto, e criar um mecanismo de pressão sobre eles. Poderia ser com o Brasil liderando o grupo dos 15 países megadiversos, que detêm 80% da biodiversidade do planeta, na afirmação dos direitos das comunidades tradicionais ao patrimônio genético, e na questão da biodiversidade, que é um tema muito sagrado, muito importante para o Brasil e para nossas comunidades amazônicas. O país errou nessa lógica de apostar na polarização. No novo contexto, pela expectativa criada em torno do novo governo brasileiro em termos dos novos *rounds* que teremos pela frente, devemos tentar mudar um pouco essa estratégia e diversificar uma política que afirme uma posição de liderança muito forte do Brasil no contexto internacional.

Então, ao mesmo tempo em que afirmo que estamos vivendo um momento de crise aguda, que deixa muito explícito quem é inimigo da sustentabilidade, quais são os elementos que impedem o avanço do programa do desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo vemos um processo de crise aguda do modelo neoliberal e de crescimento da articulação da sociedade civil em nível planetário, sobretudo em torno do 3º Fórum Social Mundial, que tende a se transformar de um movimento

antiglobalizante em um movimento por uma nova globalização.

Encerrando, reafirmo uma posição que já tinha em relação ao 2º Fórum Social Mundial. Já está na hora de o Fórum, compreendendo a necessidade de manter sua diversidade (sua maior riqueza), compreender, também, a necessidade de identificar algumas ideias-chave que estructurem os elementos fundamentais de uma nova globalização. Observando a dimensão da sustentabilidade ambiental e, dentro disso, a ideia de justiça ambiental, que é um elemento de fundo de um projeto de futuro, devemos trabalhar para que seja formada uma lógica diferenciada de desenvolvimento e de futuro para a humanidade, bem diferente do que estamos assistindo.

Por uma ação ecológica em nossas comunidades

*Hélio Schaidhauer Pacheco
Clever Renato Neuenfeldt*

A vida está em perigo!

A criação toda clama por uma ação ecológica no meio em que vivemos. Esta afirmação fundamenta-se no fato de sermos filhos e filhas de Deus, *feitos* a sua imagem e semelhança, e de Deus ter nos legado a missão de sermos seus colaboradores através do zelo, cuidado e preservação para com a criação (Gn 2,15); também no Novo Testamento somos, em Cristo, a partir do evangelho, chamados a colocar nossas vidas, com todos os dons, qualidades e virtudes, em favor da vida plena e abundante (Jo 10,10), assim como Cristo deu sua vida em nosso favor. Esta vida, para nós cristãos, se estende a tudo e a todos.

Tudo isto nos vem a dizer que há um inter-relacionamento muito grande, intenso e profundo entre Deus-Natureza-Ser humano (também natureza). E este inter-relacionamento está de mal a pior. É o que podemos constatar diante de tantos problemas ecológicos ao nosso redor e no mundo em geral. A vida está em perigo!

Pensamos que a Igreja, enquanto instituição, e nós, como Igreja, pessoas cristãs, não podemos ignorar ou ficarmos alheio às questões ambientais e ecológicas. A Igreja, como porta-voz de uma mensagem de Deus, com a missão que tem e com a voz profética que deve ter, está sendo chamada a dar a sua contribuição, somando, assim, a sua voz, com a voz de todos os grupos, pessoas, instituições que lutam pela preservação daquilo que Deus criou para todos, como fonte de vida. Diante disso, trazemos aqui uma modesta contribuição para uma ação ecológica em nossas comunidades.

Olhando o passado, o presente e o futuro

No princípio, o ser humano era dominado pela natureza. Com suas forças incontroladas, ela limitava os espaços de liberdade do ser humano primitivo. Estes tinham medo das forças naturais, e, por isso, criaram mitos e invocaram deuses para dominá-los.

Levou alguns milhares de anos para se atingir uma primeira situação de equilíbrio entre o ser humano e a natureza (entendam-se aqui todas as obras da criação). O ser humano só dispunha de recursos artesanais de produção e só conhecia energias primárias: a tração animal, a força dos ventos e dos cursos de água. A humanidade ainda rarefeita consegue viver no planeta sem destruí-lo, sem prejudicá-lo.

Poucos séculos bastaram para que as pessoas invertessem essa situação inicial. Da condição de dominados pela natureza, passaram à condição de dominadores. Mas num sentido muito errado. Dispondo de novas formas de energias – a vapor, elétrica, nuclear – o ser humano começa a perigosa escalada da exploração da terra na suposição ingênua de que os recursos dela eram praticamente inesgotáveis. Foram necessárias apenas algumas décadas, para que se chegasse à situação atual: o domínio da natureza se transforma em risco de destruição da natureza. O ser humano tem hoje o poder sinistro de destruir o lar que Deus preparou para seus filhos e filhas e cuja preservação lhes confiou. O alarme foi dado quando se percebeu que esse lar maravilhoso subsistia por um admirável equilíbrio das forças vivas que o mantinham. Equilíbrio, porém, que podia ser perturbado pelas formidáveis energias que o ser humano começara a desencadear. Perceberam-se, primeiro, desequilíbrios parciais: a destruição das florestas, acarretando erosões e determinando o processo de alternância entre secas e inundações. Agora chegamos à consciência mais clara de que desequilíbrios parciais preparam o desequilíbrio total do ecossistema. Eles provocam e ameaçam a sobrevivência da própria espécie humana. É neste risco que consiste o que se chama o **desafio ecológico**.

Cada vez com maior freqüência, lemos notícias sobre nossos rios e lagoas onde morrem toneladas de peixes pelos dejetos industriais. Nossas praias são atingidas por misteriosas marés vermelhas. Enquanto algumas regiões são assoladas pelas estiagens, outras são arrasadas por inundações. A devastação das florestas continua com uma irreparável devastação do solo, sob o impulso do capitalismo agrário.

O nosso ar, nos centros urbanos, atinge níveis alarmantes insuportáveis de poluição gerando várias doenças nos pulmões e câncer de pele.

Um dos grandes desafios para a sobrevivência da humanidade, constituirá, certamente, num futuro não muito remoto, a escassez da água doce na terra. De todas as águas que existem no planeta, uma parte mínima, apenas, é de água doce. Sem uma economia racional no seu uso e no seu aproveitamento, dentro de algum tempo, não haverá mais água suficiente para a humanidade. Que pensar então da facilidade

de extrema com que se deixam poluir os cursos de água, sobretudo por certos tipos de indústria altamente poluidoras?

E as nossas florestas? Dois terços da área florestal do mundo foram sacrificados em favor da produção. O Brasil já sacrificou 40% de suas florestas e, cada ano, a ocupação anárquica da Amazônia leva à destruição, por desfolhantes e por queimadas, de milhares de hectares de florestas. O Estado do Rio Grande do Sul possuía uma cobertura florestal de 40% de sua superfície; atualmente as florestas se restringem a apenas 1,5% do seu território.

E os animais? Em nível internacional, admite-se oficialmente que a ação do ser humano provocou a extinção de numerosas espécies animais, desde 1600 até hoje. 162 espécies e subespécies de aves foram exterminadas pelo ser humano, e 381 estão ameaçadas da mesma sorte. Quanto aos mamíferos, pelo menos uma centena de espécies desapareceu e 225 estão em vias de desaparecimento. Atualmente, cerca de 1000 espécies de animais selvagens são consideradas raras ou em perigo de sobrevivência.

O espaço não permite, mas poderíamos enfocar, aqui, em termos ecológicos, a questão das cidades, do petróleo, dos detritos advindos da produção e pelo consumo em larga escala, a energia nuclear e os medos que estão enraizados no coração das pessoas desde Hiroshima e Nagasaki.

A terra é um planeta que está morrendo... Dramática e alarmante, essa afirmação; lamentavelmente, não é fruto da ficção científica; ao contrário; baseia-se em fatos amplamente discutidos e divulgados, em escala mundial, durante os últimos trinta anos. Na sua fúria para adquirir alimentos, morada, proteções das mais diversas, e, toda a sorte de confortos materiais, o ser humano vem, há dois milhões de anos, transformando e desequilibrando a biosfera, uma tênue – e até agora única – película de vida desse imenso universo, da qual também faz parte como espécie animal. (Prof. José Maria de Almeida Jr.)

O ser humano não está em paz nem mesmo com a natureza e nisto ele está destinado a sofrer desastrosa derrota em termos de habitat, saúde e qualidade de vida. O principal problema não é, como geralmente se acredita, o esgotamento dos recursos não renováveis (petróleo, carvão); os perigos mais graves dizem respeito aos tão falados recursos renováveis e a área prioritária está na degradação progressiva da biomassa. Um exemplo é a destruição incessante das florestas tropicais. Outro é a acelerada extinção de plantas e animais... Motivados por gula, capricho, negligência ou ignorância, o ser humano emprega sua ciência e poder para matar e corromper tudo que a vida levou bilhões de anos para criar e aperfeiçoar. (Aurélio Pocei)

Perguntas específicas para serem discutidas a partir dos contextos específicos onde cada pessoa está inserida são: como está a água que bebemos? Você já se preocupou com a água que bebe? Com o alimento que você come? Com o ar que você respira? Pense nisso!

A água é de todos. Sem água não se vive. Quem polui a água, que é de todos, coloca em perigo a vida de todos. Muitos rios e lagoas já se transformaram em esgoto, em cloaca em lugar de despejos de lixo das cidades. Os peixes morrem! O povo já não pode mais nadar, tomar banho, lavar roupa, pescar, irrigar as plantações, etc. A própria natureza se desequilibra. E tudo isso para quê? Quem ganha com a poluição das águas? Esta poluição é causada por muita gente. É individual e é coletiva; é do centro e é da periferia, é do grande empresário e é do pequeno dono do atelier, e é também de cada um e cada uma de nós!

Propostas de ação

Motivação: feita com toda comunidade reunida. Servirá para chamar a atenção para o problema ambiental e identificar aquelas pessoas mais afinadas com o tema, que serão a base do grupo que irá se formar, que deverá ter as seguintes atribuições:

- ☐ Despertar a consciência ecológica:
Traga o tema ecologia para estudo e reflexão no âmbito da comunidade, confrontando-o biblicamente. Aqui líderes da comunidade, como padres, pastores e pastoras e agentes têm papel fundamental, pois podem usar espaços, aos quais têm acesso, para falar sobre o tema. Pregar sobre o assunto é uma forma bem concreta de fazer o vínculo entre os problemas da vida cotidiana, relacionados com o meio ambiente e ecologia, e o testemunho de fé e seu embasamento na Bíblia.
Como: visitando ou organizando uma visita a um local que apresenta um problema ecológico na comunidade, fotografando, levantando dados sobre os problemas ecológicos: jornais, livros, revistas, vídeos, slides, canções... Passando-os para a comunidade através de exposições, palestras, publicações...
- ☐ Com o despertar da consciência ecológica nascerá um interesse maior pela questão. Junte as pessoas interessadas e tente formar um grupo, departamento de ecologia no âmbito comunitário, ou participe de algum grupo já existente em seu bairro ou município. Este grupo terá como tarefa reforçar o trabalho de conscientização já iniciado: promovendo encon-

tros, trazendo ecologistas já com mais experiências, visitando outros grupos, trocando experiências, participando de ações concretas e organizadas, colhendo material, buscando se inteirar das leis ambientais, etc.

- ❑ Partindo para uma ação: verificar os problemas ecológicos em sua localidade (caminhadas de levantamento para ver quem são os agentes poluidores na cidade), rios, campos, serras, banhados, praias, etc.
- ❑ Propague a ecologia! Promova cursos, seminários, campanhas, debates, teatros, música, adesivos, slides, vídeos, camisetas, cartazes, boletins, enfim, publique suas experiências.
- ❑ Procure unir esforços integrando o movimento ecológico aos demais movimentos populares autênticos e que buscam vida digna e justiça ao ser humano.

Encaminhamentos concretos a partir das propostas levantadas e discutidas:

- ❑ Levantamento de problemas ambientais na comunidade.
- ❑ Ordenar esses problemas por ordem de importância (o mais grave, o segundo mais grave, o terceiro, ...).
- ❑ Fazer um plano de ação, para que, dentro das possibilidades do grupo, os problemas priorizados sejam atacados e resolvidos. Para isso, o grupo deverá identificar os responsáveis que possam resolvê-los (prefeitura, órgãos públicos, entidades, etc.). Por exemplo, se o problema for recolhimento de lixo, procurar a prefeitura (sempre em grupo, que tem mais força) e cobrar a solução. Se o problema for a qualidade da água no meio rural (não tratada), recolher amostras da água para análise e encaminhar à Secretaria da Saúde do município que tem condições de providenciar o exame gratuito, depois procurar entidades públicas (tipo Emater, Epagri, etc.) e Secretarias de Desenvolvimento Rural para providenciar a solução, e assim por diante.
- ❑ Nunca tentar resolver todos os problemas de uma só vez. Passar para o próximo problema só quando o primeiro já estiver bem encaminhado ou solucionado.
- ❑ Divulgar na comunidade, e mesmo fora dela, as ações do grupo, principalmente os sucessos obtidos.

Isso tudo não é tão simples quanto parece, muitos obstáculos serão encontrados, mas o importante é não desistir e não desanimar.



CONHEÇA E ADQUIRA AS PUBLICAÇÕES DO CEBI

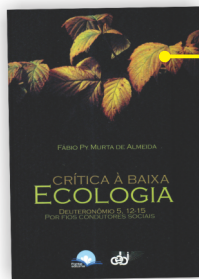
O CEBI, através de sua editora e livraria virtual, tem por objetivo viabilizar a divulgação e a distribuição de literatura de boa qualidade e de baixo custo. As publicações seguem as temáticas definidas em Assembleia Nacional, as necessidades das igrejas e os temas candentes da sociedade brasileira. O pano de fundo sempre é a Leitura Popular da Bíblia.

A venda de livros e de assinaturas do informativo Por Trás da Palavra representa uma importante fonte de recursos próprios para o CEBI.



ENVIA TEU ESPÍRITO E HAVERÁ CRIAÇÃO

A preocupação com a ecologia, com o meio ambiente, parece ser, hoje, um fato indiscutível e que deve sempre ser levado em conta. A teologia, a hermenêutica bíblica e a moral entraram com força nesta reflexão que, cinquenta anos atrás, no Concílio Vaticano II, nem mesmo estava em pauta.



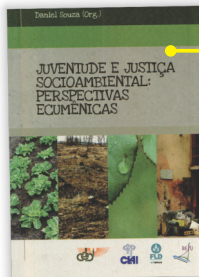
CRÍTICA À BAIXA ECOLOGIA

Fábio Py discute a tentativa de equilibrar as relações homem/natureza na área rural de Judá, pouco antes do reinado de Josias (640-609 a.C.). Pergunta se o mandamento de Deuteronômio 5,12-15 seria um rascunho ecológico.



JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL CONCEITOS E REFLEXÕES

Conceitos de justiça socioambiental e abordagem sobre os conceitos de conservação e preservação. Também, o desafio do acesso à justiça socioambiental, apontando casos de injustiça e o caminho para a construção de um Estado Socioambiental e Democrático de Direito.



JUVENTUDE E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Reflexão bíblica, diálogos ecumênicos e roteiros para encontros que reinventem e transformem nossas intuições, nossa luta e espiritualidade.



OS POBRES POSSUIRÃO A TERRA

Este livro é a palavra de uma centena de bispos e pastores sinodais de diferentes denominações cristãs que, juntos, se pronunciam a respeito dos problemas que atingem os pobres do campo.



JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL CONCEITOS E CÍRCULOS BÍBLICOS

A justiça, por si só, deve ser também socioambiental. Ou seja, não há justiça se não houver uma vida com os direitos sociais e ambientais plenamente atendidos.

ISBN: 85-89000-25-7



9 788589 000253